



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA ACADÊMICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA, GÊNERO E INTERAÇÃO SOCIAL

**PERCEPÇÃO DOS VÍNCULOS E RELACIONAMENTO ENTRE
NETOS ADULTOS E SEUS AVÓS**

GILZACARLA ALCANTARA DOS SANTOS OLIVEIRA

Recife – PE
2015

GILZACARLA ALCANTARA DOS SANTOS OLIVEIRA

**PERCEPÇÃO DOS VÍNCULOS E RELACIONAMENTO ENTRE
NETOS ADULTOS E SEUS AVÓS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias

Recife – PE
2015

GILZACARLA ALCANTARA DOS SANTOS OLIVEIRA

**PERCEPÇÃO DOS VÍNCULOS E RELACIONAMENTO ENTRE
NETOS ADULTOS E SEUS AVÓS**

Dissertação aprovada em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Cristina Maria de Souza Brito Dias (UNICAP)

Prof.^a Dr.^a Cristina Amazonas Lopes de Almeida (UNICAP)

Prof.^a Dr.^a Eulália Maria Chaves Maia (UFRN)

Recife – PE
2015

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus filhos João Guilherme e Lucas Gabriel, esperando que este trabalho sirva de alicerce para um relacionamento saudável com os seus avós Gilza e Carlos & Ozenilda e Josuel.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus que tudo criou e que com amor me chamou a existência com uma missão especial, minha eterna gratidão.

Aos meus pais queridos, que com paciência e amor sempre priorizaram a minha educação. Em especial à minha mãe, que com seu exemplo de determinação, humildade e fé, sempre me ensinou valores fundamentais para vida, minha incansável gratidão, pois suas palavras de afirmação nos momentos de incertezas, me fizeram acreditar que poderia chegar mais longe.

Aos meus irmãos Camila e Antônio e sua minha cunhada Wiviane pelo apoio.

Aos meus avós Elza e Gilberto (in memória) e Zumilra e Antônio (in memória), por tudo que vivemos juntos, e por todo legado deixado na minha vida, saibam que o repassarei às demais gerações.

A Diego Rafael, meu marido, amigo e eterno companheiro, pelo incentivo em todas as vezes que pensei em recuar; por cada palavra de ânimo e pelo trato de amor em cada momento de tensão. Sinceramente, não teria chegado até aqui sem você.

Aos meus queridos filhos, João Guilherme e Lucas Gabriel, que mesmo tão pequenos, ainda bebês, foram capazes de sobreviver as minhas tantas ausências, prometo recompensar cada minuto que estive longe de vocês. A vocês meus amores, dedico esta vitória.

A querida e para sempre mestre e amiga, Professora Dra. Cristina Brito Dias Souza, por sua extrema paciência, compreensão, dedicação a cada sugestão de textos, suas

correções, e por acreditar que chegaríamos mais uma vez, ao fim de um trabalho acadêmico.

A amiga Tatiana Lima Brasil, pelo grande apoio e ajuda na reta final deste trabalho.

Aos queridos professores do mestrado, Albenise Oliveira Lima, Ana Lúcia Francisco, Maria Cristina Lopez Amazonas, Suely Santana e Zeferino Rocha por me instigarem na busca do conhecimento.

A Professora Dra. Eulália Maria Chaves Maia, por ter gentilmente atendido o nosso convite e que na qualidade de professora convidada, examinou com excelência esta pesquisa.

Ao setor de trabalho (SMPROS) ao qual estou lotada atualmente, na pessoa do Sr. Ronaldo Santos, minha gratidão pela compreensão e redução de carga horária.

Aos netos e netas que se disponibilizaram a participar deste trabalho, sem os quais, esta pesquisa não teria sido possível.

Acho que a gente tem que viver intensamente com eles, porque eles estão mais próximos de ir do que a gente, e não podemos perder tempo. (Beatriz)

Os avós influenciam muito, pois eles também são espelhos, espelhos para os seus netos. (Arthur)

Dê valor aos seus avós porque a gente não vai ter eles por muito tempo e aproveitem ao máximo a presença deles aqui. (Márcio)

Acho que os netos hoje, se não puderem estar com os avós, assim, viver com eles em algum momento da vida, acho que seria de mais valia intensificar o número de visitas e poder ouvir os avós. (Edilene)

RESUMO

Sabe-se que a longevidade humana tem propiciado o aprofundamento e a intensidade do contato entre as gerações. Em nenhuma outra época, as gerações de uma mesma família puderam conviver juntas por tanto tempo como na atualidade. Importa realizar investigações acerca da influência exercida pelos avós na vida dos netos, pois a literatura pouco tem se detido nessa fase do ciclo vital. A presente pesquisa, de natureza qualitativa, objetivou investigar a percepção dos vínculos e relacionamento entre netos adultos e seus avós, sendo eles de vinculação paterna ou materna, buscando analisar como se deu este relacionamento ao longo do tempo, influências, frequência de contato e dificuldades encontradas. Os dados coletados resultaram de entrevistas semidirigidas com 14 netos adultos, sendo 6 participantes do sexo masculino e 8 participantes do sexo feminino. As variáveis sociodemográficas caracterizaram os entrevistados como sendo casados, com escolaridade superior, ou superior incompleto, de classe média e tendo entre 21 e 40 anos. As entrevistas foram analisadas de acordo com a técnica da análise de Conteúdo Temática. Os resultados evidenciaram que: 1) os netos à unanimidade, disseram que os avós foram e continuam sendo pessoas muito significativas em sua vida; 2) os avós influenciaram os netos em vários aspectos de sua vida (profissional, religioso, moral, emocional e psicossocial); 3) o relacionamento, em geral, foi percebido como muito bom, a depender da participação e do incentivo da geração dos pais; 4) os participantes realizaram e ainda realizam várias atividades com os avós, sendo o contato entre essas gerações bastante frequente; 5) as dificuldades no relacionamento com os avós estão relacionadas a conflitos existentes entre avós e pais, distância geográfica e envolvimento dos netos no seu próprio processo desenvolvimental; 6) as características mais marcantes transmitidas pelos avós ligam-se a traços de personalidade, momentos de lazer e cuidado, troca de experiência. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir com a literatura sobre relacionamento intergeracional e que ofereça subsídios aos profissionais que se dedicam à temática do envelhecimento e da família.

Palavras-chave: Netos adultos; Avós; Família; Relacionamento intergeracional.

SUMMARY

It is known that human longevity has given the deepening and the intensity of the contact between the generations. In no other time the generations of the same family could live together so long as now. Imports perform investigations about this subject, especially on the established relationship between grandparents and grandchildren adults because little literature has been arrested at this stage of the life cycle. The present research, qualitative in nature, aimed to investigate the perception of linkages and relationship between grandchildren and grandparents adults, being paternal or maternal binding them, seeking to analyse how did this relationship over time, influences, frequency of contact and difficulties encountered. The data collected as a result of semi-dirigidas interviews with 14 grandchildren adults, being 6 participants male and 8 female participants. Sociodemograficas entrevistados como characterized the variables being married and having higher education, incomplete or more, middle-class and between 21 and 40 years. The interviews were analyzed according to the technique of Thematic content analysis. The results showed that: 1) the grandchildren to unanimity, said his grandparents were and continue to be very significant people in his life; 2) grandparents influenced the grandchildren in various aspects of your life (Professional, religious, moral, emotional and psychosocial); 3) the relationship, in General, was perceived as very good, depending on the participation and encouragement of their parents ' generation; 4) the participants held and still hold several activities with the grandparents, being the contact between these generations quite frequent; 5) the difficulties in the relationship with the grandparents are related to existing conflicts between grandparents and parents, geographical distance and involvement of grandchildren at their own developmental process; 6) the most striking characteristics transmitted by grandparents bind to personality traits, leisure time and care, exchange of experience. It is hoped that this research can contribute to the literature on intergenerational relationships and offering subsidies to professionals who are dedicated to the subject of aging and family.

Keywords: adult Grandchildren; Grandparents; Family; Intergenerational relationship.

RESUMEN

Se sabe que la longevidad humana ha permitido la profundización y la intensidad del contacto entre las generaciones. En ningún momento, las generaciones de la misma familia podían vivir juntos durante tanto tiempo como hoy. En caso de ser llevado a cabo investigaciones sobre este tema, sobre todo en la relación que se establece entre los abuelos y los nietos adultos, debido a que la poca literatura se ha detenido en esta etapa del ciclo de vida. Esta investigación, cualitativa, tuvo como objetivo investigar la percepción de los vínculos y relaciones entre nietos y abuelos adultos, y de apego paterno o materno, tratando de analizar cómo fue esta relación con el tiempo, las influencias, la frecuencia de contacto y dificultades encontradas. Los datos recogidos el resultado de entrevistas semi-estructuradas con 14 nietos adultos, 6 participantes masculinos y 8 mujeres participantes. Las variables sociodemográficas caracterizan los encuestados como estar casada, con estudios superiores o superior incompleta, de clase media y tener entre 21 y 40 años. Las entrevistas fueron analizadas según la técnica de análisis de contenido temático. Los resultados mostraron que: 1) los nietos a la unanimidad, dijeron los abuelos eran y siguen siendo personas muy importantes en su vida; 2) los abuelos nietos influido en diversos aspectos de su vida (profesional, religioso, moral, emocional y psicosocial); 3) la relación en general se percibe como muy buena, en función de la participación y el fomento de la generación de sus padres; 4) los participantes hicieron y siguen haciendo varias cosas con los abuelos, y el contacto entre estas generaciones muy a menudo; 5) dificultades en la relación con los abuelos están relacionados con conflictos entre los abuelos y los padres, la distancia geográfica y la participación de nietos en su propio proceso de desarrollo; 6) las características más llamativas suministradas por los abuelos se unen a los rasgos de la personalidad, los tiempos de ocio y de cuidado, el intercambio de experiencias. Se espera que esta investigación contribuirá a la literatura sobre las relaciones intergeneracionales y ofreciendo subsidios a los profesionales que se dedican al tema del envejecimiento y de la familia.

Palabras clave: Nietos adultos; Abuelos; Familia; Las relaciones intergeneracionales.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. RELAÇÃO AVÓS E NETOS AO LONGO DO CICLO VITAL.....	15
1.1 Relacionamento Intergeracional x Longevidade.....	15
1.2 As transformações na imagem, características e estilos de avós	17
1.3 O relacionamento avós e netos na fase adulta.....	22
2. TORNAR-SE ADULTO: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS.....	34
2.1 Transição da Adolescência à Idade Adulta.....	37
2.2 Os relacionamentos interpessoais na fase adulta.....	41
3. OBJETIVOS E MÉTODO	45
3.1 Objetivo Geral	45
3.1.1. Objetivos Específicos.....	45
3.2 Método.....	45
3.2.1 Participantes.....	47
3.2.2 Instrumento da Pesquisa.....	47
3.2.3 Procedimento de Coleta dos Dados.....	48
3.2.4 Procedimento da Análise dos Dados.....	49
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	50
4.1 Significados dos avós para os netos adultos	50
4.2 Influência exercida pelos avós na vida dos netos	53
4.3 Percepção do relacionamento com os avós ao longo do tempo	56
4.4 Atividades realizadas e a frequência de contato com os avós.....	59
4.5 Dificuldades no relacionamento com os avós	65
4.6 Características e/ou lições de vida marcantes.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS.....	77
ANEXOS A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIDIRIGIDA.....	88
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	90
ANEXO C – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DOS PARTICIPANTES.....	93
ANEXO D – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	95

INTRODUÇÃO

A população mundial está passando por um processo mais longo de envelhecimento em decorrência dos avanços no campo da medicina, cuidados com alimentação e a saúde, saneamento básico, maior acesso a informações e queda das taxas de fecundidade. É sabido que a longevidade média da população mundial e brasileira cresceu muito durante o século XX. Segundo pesquisa realizada pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, na sigla em inglês), o número de idosos no mundo aumentou em 178 milhões de pessoas na última década. Acredita-se que por volta de 2050 haverá mais idosos que crianças menores de 15 anos em todo o mundo. Em função disso, tem sido mais frequente a convivência com os avós e as bisavós. O envelhecimento está aumentando mais rapidamente nos países em desenvolvimento, onde vivem duas de cada três pessoas idosas. Ao mesmo tempo, na esfera familiar evidencia-se uma pluralidade de configurações, nas quais os idosos se fazem presentes. Nesse contexto, identifica-se o convívio intergeracional como algo benéfico, que pode e deve ser estimulado, uma vez que fornece possibilidade de enriquecimento mútuo, através da troca de afeto, conhecimentos e da abertura para o diálogo entre as gerações, propiciando a solidariedade intergeracional.

Muito já foi pesquisado sobre a relação avós e netos, estando estes no período da infância quando, segundo Dias e Silva (2001), o acesso dos netos aos avós é controlado pelos pais, principalmente para aqueles que não moram próximos. Nesse período, o relacionamento entre avós e netos geralmente é marcado pelo prazer e brincadeiras, embora devido às necessidades das mães que trabalham o cuidado também seja uma constante. Uma pesquisa realizada com seis avós, de netos ainda no período da infância, por Oliveira, Gomes, Tavares e Cárdenas (2009), constatou que as atividades realizadas

entre eles foram contar histórias, assistir televisão e passear. Elas mostraram muita satisfação com o papel. Os netos, por sua vez, valorizam os avós por aquilo que recebem deles (guloseimas, presentes, passeios) conforme Kahana e Kahana (1970).

À medida que os netos crescem, outros significados poderão adquirir relevância. Eles passam a valorizar os avós pelas suas características de personalidade e pela mutualidade da relação (“ela é engraçada”; “tocamos violão juntos”). A partir da adolescência, a relação entre netos e avós se torna cada vez mais direta, pois os netos não necessitam da presença dos pais para que ela se mantenha, uma vez que os mesmos estão adquirindo mais autonomia e responsabilidade (Dias, Dias & Silva, 1999; Dias & Silva, 2001). Durante a revisão da literatura feita para esta pesquisa, constatamos que a maioria das investigações focalizam as fases da infância e adolescência, havendo ainda uma carência de estudos no que se refere ao relacionamento entre avós e netos adultos. Consideramos que este é um tema promissor, tendo em vista a dificuldade em localizar literatura brasileira que aborde essa temática. Segundo Wilcoxon (1987), é necessário que os profissionais obtenham cada vez mais informações sobre a figura dos avós, uma vez que as crianças atuais poderão tornar-se avós na metade de suas vidas e vivenciar, por muito tempo, esse papel.

O objetivo geral deste estudo, portanto, foi investigar a percepção de vínculos e relacionamentos entre netos adultos e seus avós, sejam eles de vinculação paterna ou materna. Especificamente, almejamos analisar: o significado dos avós para os netos, bem como sua relação com eles; a influência deles na sua vida; a frequência de contato e atividades desenvolvidas juntas; os fatores que dificultaram a convivência e a evolução do relacionamento ao longo do tempo.

Para desenvolvermos a pesquisa e atingirmos os objetivos propostos acima, estruturamos este trabalho da seguinte forma: o primeiro capítulo, “Relação avós e netos

ao longo do ciclo vital”, focalizou a importância do relacionamento avós e netos, centralizando-se nas pesquisas realizadas com jovens adultos. No segundo capítulo, denominado “Tornar-se adulto: conceitos e características”; abordamos a fase adulta do desenvolvimento humano, desde a transição da adolescência para fase adulta, bem como o início da trajetória, desenvolvimento e conquistas que perpassam esta etapa de vida. No terceiro capítulo, são apresentados os objetivos e o método que foram utilizados na pesquisa, através da descrição dos participantes que contribuíram respondendo a uma entrevista, bem como os procedimentos utilizados no processo de investigação e análise de dados.

A análise e discussão dos dados obtidos constituem o quarto capítulo, através da apresentação de seis eixos temáticos, buscando sempre uma interlocução com a literatura que utilizamos para fundamentar esta investigação. Por fim, são apresentadas as considerações finais sobre a pesquisa.

A relevância desta investigação se expressa na intenção de contribuir para uma melhor compreensão da importância e dos benefícios advindos do cultivo do relacionamento intergeracional, em especial avós e netos, na tentativa de fornecer subsídios científicos para quem lida com essas duas etapas do ciclo vital: jovem adulta e velhice. Diante desse novo momento que a população brasileira vive e vivenciará nos próximos anos, com o aumento da longevidade, esperamos que esta pesquisa possa elucidar algumas facetas do relacionamento entre as citadas gerações contribuindo para o incremento da solidariedade intergeracional.

1. RELAÇÃO AVÓS E NETOS AO LONGO DO CICLO VITAL

Um dos grandes desafios da vida consiste em equilibrar as antigas relações com as novas, integrar de forma continuada os nossos relacionamentos, rever a importância de cada um e dar continuidade ao nosso envolvimento e ao compromisso com as nossas relações atuais (KROM, 2000, p. 19).

1.1 Relacionamento Intergeracional x Longevidade

O Brasil está passando por um processo de envelhecimento populacional em decorrência, principalmente, do aumento da longevidade e da queda das taxas de fecundidade. A longevidade média da população mundial e brasileira cresceu muito durante o século XX. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a expectativa de vida no Brasil aumentou cerca de três anos entre 1999 e 2009, passando de 70 anos para 73,1 anos de vida. Quando a expectativa de vida girava em torno dos 40 anos, eram tão poucos os avós que chegavam a ter netos, que não fazia muito sentido cultivar esse vínculo (Aratany & Posternak, 2005). De acordo com os referidos autores, o século XXI será o século dos avós.

As gerações nunca conviveram por tanto tempo juntas. Ao passo que os avós conquistam mais dias de vida, por conta da longevidade, evidencia-se, na esfera familiar, uma pluralidade de gerações, o que favorece o convívio intergeracional. Acredita-se que as permutas que ocorrem entre as gerações é algo benéfico, que podem e devem ser estimuladas, uma vez que fornecem possibilidade de enriquecimento

mútuo, através da troca de afeto, conhecimentos, propiciando a solidariedade intergeracional.

Por outro lado, o relacionamento entre as gerações pode se configurar numa fonte de tensões e conflitos, pois o encontro e o convívio entre pessoas de gerações distintas requisitam, de ambas, o respeito a um tempo não vivido, e a paciência para compreender, minimamente, um momento histórico não alcançado.

Os seres humanos são praticamente a única espécie animal a contar com avós envolvidos na vida dos netos. Uma investigação realizada por David A. Coall e Ralph Hertwig (2011), que analisaram pesquisas de todo o mundo para definir o papel dos avós, destacam como fundamental o papel dos avós no início da vida. Segundo os autores, essas figuras têm um papel muito relevante na história da vida humana, que só é compartilhado com uma ou duas outras espécies, tais como algumas baleias. Afirmam ainda, os pesquisadores, que os avós, nas sociedades industrializadas, investem uma quantidade significativa de tempo e dinheiro em seus netos. Cuidar dos netos enquanto os pais estão no trabalho, fornecer recursos financeiros e apoio emocional é apenas algumas das muitas maneiras pelas quais os avós expressam seu amor pelos netos.

Na população dos Estados Unidos, cerca de 50% das pessoas tornam-se avós entre 49 e 53 anos. Na França, cerca de 80% das avós têm mais de 65 anos e 50% destas se tornarão bisavós. Na Inglaterra, quase metade da população tem netos e cerca de 25% destes são os principais cuidadores dessas crianças, passando, em média, seis horas por semana substituindo os pais. No Brasil, estudo realizado por Oliveira *et al* (2009) concluiu que a frequência de contato com o neto passou a ser um fator importante para o aprofundamento da relação avós e netos. Neste estudo também constatamos que o convívio entre netos e avós é de extrema relevância e muitas vezes fundamental para os

netos que na transição para vida adulta se deparam com a multiplicidade de escolhas, conquistas e visão de mundo.

Em decorrência da maior possibilidade de convivência entre as gerações na atualidade, observam-se mudanças nos laços intergeracionais e até no significado do papel de avós. Assim, com o aumento da longevidade, os avós passaram há conviver mais tempo com seus descendentes, bem como a exercer diferentes papéis na dinâmica familiar. Na atualidade, eles conseguem ver seus netos alcançando o período da adolescência, juventude e inclusive a idade adulta, o que possibilita o compartilhar e o repassar de experiências, valores e de costumes de uma geração a outra.

1.2 As transformações na imagem, características e estilos de avós

A imagem dos avós tem sido modificada e, cada vez mais, tem se distanciado da representação séria e autoritária, e assumido uma imagem mais afetuosa e próxima. Antes vistas como pessoas reclusas, a contar histórias, brincar ou fazer guloseimas para os netos, as avós passaram a ser pessoas ativas, com múltiplos interesses e participativas na vida de seus netos. Os avôs, por sua vez, passaram a exercer as ditas “funções femininas” ao cuidar dos netos com prazer. A sociedade oferece apoio ao percebê-los com admiração e respeito. Hoje se pode afirmar que a imagem tradicional dos avós, que está presente na literatura infantil, pode ser mais relacionada à figura dos bisavós (Dias & Silva, 1999).

Para Denham e Smith (1989), a influência dos avós sobre os netos pode ser neutra, benéfica ou prejudicial. Para os referidos autores, os avós podem exercer influência na vida dos netos sob três formas: 1) *Interações diretas*, envolvendo as duas gerações através de várias atividades de cunho emocional ou expressivo (aconselhar,

disciplinar, brincar, intermediar conflitos entre filhos e netos, entre outras); 2) *Interações indiretas*, ocorrem quando os avós melhoram a vida dos netos, através do relacionamento com os filhos contribuindo para o ajustamento entre eles ou dando-lhes suporte financeiro; 3) *Interações simbólicas*, através da disponibilidade afetiva e da confiança que os netos e os pais têm em relação aos avós como pessoas “com quem podem contar”. Ela também se manifesta através das atitudes e ensinamentos, mesmo que não haja a presença física dos avós.

O estilo é, na verdade, o contexto dentro do qual operam os esforços dos avós em socializar seus netos, de acordo com suas crenças e valores. Neugarten e Weinstein (1964), entrevistando 70 avós de classe média americana, detectaram cinco estilos diferentes de avós: 1) *Divertidos*, um estilo tranquilo, não autoritário de se relacionar com os netos, busca sempre momentos de diversão; 2) *Formais*, aqueles que se mostram mais rígidos e que mantem um relacionamento mais de autoridade com os seus netos; 3) *Figuras distantes*, aqueles avós que raramente visitam seus netos, bem como não valorizam muito o contato por quaisquer meios de comunicação; 4) *Cuidadores/pais substitutos*, estes avós assumem importantes responsabilidades e cuidados com seus netos, chegando até a uma dedicação diária se necessário for; e por fim 5) *Conservadores/detentores da sabedoria familiar*, os avós considerados como guardiões da história e valores da família, os que se detêm aos conselhos baseados nas experiências vividas, ou mesmo de seus pais.

Osuna (2006) descreveu quatro estilos de exercer o papel de avó/avô, que variam ao longo da vida e diferem de acordo com cada neto: 1) *Permissivos*, caracteriza os que não se preocupam em fazer o moralmente correto com seus netos, que os mimam; 2) *Simbólicos*, os que se detêm a fazer o moralmente correto sem mimos e indulgências;

3) *Individualistas*, os que não se envolvem muito na relação; 4) *Tiranos*, aqueles que adotam um estilo mais formal e reservado com os netos.

Dias (2002) ressalta que são diversas as variáveis que influenciam as relações entre avós e netos, tais como: idade, gênero, mediação dos pais, distância geográfica, trabalho e saúde dos avós, o nível socioeducacional da família, ocorrência de eventos difíceis (separação, crises, doenças), tipo de organização familiar, relacionamento estabelecido com filhos, noras e genros, personalidade, entre outros.

Depois dos pais, os avós, principalmente quando vivem próximos e são bem aceitos, tornam-se os principais agentes de socialização da criança. Em sua grande maioria, eles têm assumido um papel bastante relevante na dinâmica familiar. Essa nova realidade que se configura no mundo contemporâneo contesta a concepção de velhice como marcada por dependência e inutilidade, haja vista que muitos avós, além de atuarem na educação dos netos, assumindo cuidados parciais ou integrais, participam na economia familiar, principalmente nos custos relacionados aos netos (Dias & Silva, 2003).

Dellman-Jenkins, Blanemeyer e Olesh (2002) afirmam que, ao longo do século XX, os papéis dos avós foram “expandidos”, tendo vários deles assumido a responsabilidade dos cuidados diários e inclusive contribuído financeiramente com filhos e netos. Muitos avós cuidam de seus netos enquanto seus pais trabalham, estudam ou mesmo desenvolvem outras atividades, participando assim ativamente no processo educacional de seus netos (Araújo, Silva & Dias, 1998; Dias & Silva, 1999, 2001, 2003; Coutrim, 2006; Goodman & Silverstein, 2002).

Outros se tornam os únicos responsáveis pela criação dos netos, tendo não só que bancar o sustento, mas também que assumir obrigações quanto à sua educação, constituindo suas principais referências adultas, são os denominados “pais

substitutos”, “pais-avós”, “avós em tempo integral” “avós à revelia” ou “avós guardiões”. Essa situação geralmente é decorrente de eventos que põem o neto em perigo tais como: gravidez na adolescência, dependência química, abuso físico, sexual, negligência e abandono por parte dos pais, doença (a exemplo da AIDS), transtorno mental ou mesmo morte dos pais (Dias, Costa & Rangel, 2005; Goodman & Silverstein, 2002).

Kornhaber (1996) elenca os papéis dos avós mais apreciados pelos netos, como sendo o de historiador da família (estabelecendo a ligação dos netos com o passado da família e da sociedade); o de professor (ensinando o que sabe aos netos); o de mentor (estimulando a ambição e a imaginação); o de estudante (aprendendo coisas novas com os netos); o de apoio natural; o de parceiro (assumindo o papel de secreto, mas inofensivo, conspirador); o de gênio (satisfazendo os desejos dos netos); o de herói (mostrando coragem e força); o de modelo (modelando atitudes, comportamentos e opiniões); o de feiticeiro (sendo o contraponto mágico da realidade diária) e o de guia espiritual.

É válido ressaltar que, embora a maioria dos estudos enfatize os benefícios que a relação entre avós e netos pode trazer a estes, precisa-se compreender que há reciprocidade nos benefícios advindos do relacionamento entre essas duas gerações. Dessa forma, os avós também se beneficiam do contato, uma vez que experimentam orgulho, satisfação, sentimento de utilidade e renovação do interesse pela vida. Eles também têm a oportunidade de resgatar possíveis falhas na educação dos filhos, e de alcançar o sentido da transcendência através dos genes, valores, conhecimentos e experiências transmitidos aos filhos e netos (Baranowski, 1982; Barros, 1987; Dias, 1994; Dias & Silva, 1999; Maldonado & Goldin, 1995; Oliveira, 1998, 2002).

Segundo Langer (1990), os avós podem fornecer dois tipos de suporte à família: *o suporte instrumental ou de serviços* e *o suporte expressivo ou emocional*. O primeiro concerne em fazer coisas pelo neto, como ajudar nas tarefas escolares ou financeiras, levar ao médico, preparar refeições, dentre outros. E o segundo suporte refere-se ao dar carinho, telefonar, escrever, dar conselhos, ouvir e apoiar o neto. Esses suportes são transmitidos a todos os membros familiares e são bens intransferíveis de grande valia por se referirem a um processo de socialização que vai da infância e se estende à vida adulta. Para a citada autora, ambas as gerações fornecem apoio emocional e instrumental, sendo ativas e receptoras, mas, à medida que os netos crescem, os adultos fornecem mais apoio aos avós que o contrário, o que é consequência do próprio processo de desenvolvimento que geralmente é caracterizado pelo amadurecimento nos adultos e fragilidade física nos idosos.

O encontro entre avós e netos consiste em um terreno fértil para mudanças nas concepções estereotipadas sobre o que é ser velho e o que é ser jovem, bem como contribui para a promoção de melhores condições de saúde, qualidade de vida e desenvolvimento para ambos. O fato é que o encontro dessas duas gerações permite aos avós e netos a oportunidade de compartilhar formas de existir no mundo, através da singularidade das experiências de épocas diferentes, gírias, modismos e pensamentos, que ambos carregam ao longo de sua existência. Barros (1987) diz que:

Os avós ocupam uma posição peculiar frente à coexistência de valores diferentes no domínio familiar. Suas impressões e depoimentos trazem a visão diacrônica de uma realidade que, mesmo não necessariamente elaborada com preocupações sociológicas, representa uma possibilidade de pensar um caminho de mudanças sociais concernentes a um campo social

mais amplo do que aquele de sua própria família. A passagem por vários momentos do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, a idade e a experiência constituem dados concretos que servem, no presente, para a elaboração de discursos sobre sua posição na família, bem como sobre a mudança e a permanência de determinados valores familiares. (Barros, 1987, p.11)

Investigações que tratem da relação avós e netos configuram-se em uma necessidade premente na atualidade, uma vez que a convivência entre essas duas gerações tornou-se mais frequente, no entanto, encontramos predominantemente muitas pesquisas sobre avós e netos, quando estes ainda estão no período da infância, adolescência e quando já universitários (Castañeda, Sánchez, Sánches & Blanc, 2004; Dias & Silva, 1999; 2001; 2003; Harsthorne & Manaster, 1982; Hoffman, 1978; Kahana & Kahana, 1970; Kennedy, 1990, 1992^a; 1992^b; Matthews & Sprey, 1985; Oliveira, Gomes, Tavares & Cárdenas, 2009; Robertson, 1976; Sanders & Trygstad, 1993). Todavia, a relação dos netos adultos com os avós é pouco explorada, especialmente no Brasil, o que justifica o nosso interesse em lançar um olhar específico sobre essa relação.

1.3 O relacionamento avós e netos na fase adulta

Como já foi referido na introdução, no período da infância, o relacionamento entre avós e netos pode ser limitado, uma vez que é controlado pelos pais ou responsáveis pela criança e que os netos, ainda na infância, valorizam os avós por aquilo que

recebem. Porém, à medida que eles crescem, vêm as confidências e as interferências dos avós junto aos pais (Kahana & Kahana, 1970). Durante a infância, o relacionamento entre avós e netos geralmente é marcado pelo cuidado, prazer e brincadeiras, mas à medida que os netos vão se desenvolvendo, outros significados emergem e eles passam a reconhecer a importância dos avós pelo que eles são e fazem, assim como pela mediação que os avós exercem junto aos pais. À medida que crescem, os netos podem decidir que tipo de relação querem manter com os avós. (Dias & Silva, 2001; 2003). Os avós, por sua vez, desempenham mais as tarefas caseiras e de cuidado com os netos pequenos, mas à medida que eles atingem a adolescência ou idade adulta, as atividades tornam-se mais esporádicas e eles passam a realizar tarefas e intercâmbios mais culturais e públicos (Oliveira, Gomes, Tavares & Cárdenas, 2009; Osuna, 2006).

Robertson (1975) aponta que a literatura sobre os avós enfatiza duas concepções sobre o impacto dos pais como mediadores entre a primeira e a terceira gerações: *a que focaliza as interações e a que se detém nos fatores estressores entre os filhos e os pais*. De todo modo, a autora considera que os pais socializam ambas as gerações (avós e netos) ajudando-os a se ajustar nos respectivos papéis. Ela acentua que o processo de socialização não ocorre apenas no indivíduo que está sendo socializado, mas entre ele e os demais sistemas aos quais pertence. Ela elencou oito dimensões através das quais os pais influenciam a relação avós e netos: *Percepção dos pais da importância dos avós*, se os pais percebem o papel dos avós com alto valor pessoal e social e encorajam a relação avós-netos; *Percepção dos pais do comportamento apropriado dos avós*, alguns pais estimulam e outros têm medo que os avós se tornem intrusivos e impróprios; *Percepção dos pais quando os avós tomam a iniciativa no aprofundamento da relação com os netos*, quanto mais os pais aprovarem a iniciativa dos avós, mais elevado será o contato desses com os netos; *Significado da mediação dos pais*, se os pais se veem dando

exemplos, e estruturando situações; *Frequência da mediação dos pais*, a extensão em que os pais favorecem os encontros avós e netos; *Atitude dos pais acerca da mediação*, se os pais estimulam ou não o encontro entre as gerações; *Foco da mediação*, pode variar de acordo com o sexo, estado de saúde e estilo de vida dos avós; *Equidade na mediação*, saber contrabalançar a interação entre os avós maternos e paternos.

Baranowski (1982) apontou que os avós influenciam os netos em três áreas: *Desenvolvimento da identidade*, ao transmitir os conhecimentos e a história da família; *Relacionamento com os pais*, providenciando histórias e informações sobre os pais, bem como agindo como amortecedores entre filhos e netos; *Atitudes em relações à velhice*, ao engendrarem atitudes positivas para com os idosos. Para o citado autor, os avós influenciam a maneira como os netos passam a encarar os idosos de maneira geral e seu próprio envelhecimento. Ainda segundo esse autor, o relacionamento com os avós não é simplesmente um encontro que satisfaz às necessidades da criança, mas proporciona satisfação recíproca, ganhos na autoestima e moral.

Para Batchelor (1993), os avós não só dispõem de tempo para dedicar aos netos, como também para entendê-los em seus problemas, reconhecer sua individualidade e importância; podendo ser de grande ajuda à criança que tem a impressão de ser um fracasso ou difícil. Assim, eles contribuem para o desenvolvimento dos netos nos aspectos cognitivo, emocional, social e moral. Através do tempo compartilhado e do diálogo com os avós, os netos constroem valores nos âmbitos espaço-temporais diferentes dos pais. Devido à sua experiência de vida, maior estabilidade emocional e financeira, como também disponibilidade de tempo, eles podem assegurar aos netos cuidados, tranquilidade e atenção, especialmente nos momentos de crise enfrentados pela família. A relação entre avós e netos é essencial para o desenvolvimento da subjetividade destes, que não têm como única fonte de referência os pais. O contato com

os avós também fornece aos netos a experiência de vivenciar o processo do envelhecimento e, assim, oferece-lhes a oportunidade de aceitação do seu próprio envelhecimento e de respeito aos mais velhos. Para os netos, os avós, na maioria das vezes, representam o primeiro contato com a morte, pelo fato de ser a geração que está vivenciando a última fase do ciclo vital (Dias, 1994; Dias & Silva, 1999).

Na realidade americana, apresentaremos brevemente nove pesquisas realizadas com netos na adolescência ou início da vida adulta:

Robertson (1976) foi a primeira autora a questionar o mito de que os avós não são influentes na vida dos netos adultos e que prefeririam o contato com os tios e os primos como membros da família extensa. Assim, ela realizou uma pesquisa com 86 netos, na faixa etária de 18 a 26 anos, sendo que dois terços foram constituídos de mulheres solteiras, todos provenientes de camadas médias da população. A autora constatou que: 1) os adultos mostraram atitudes favoráveis em relação aos avós; 2) eles se sentiram responsáveis pelos avós e os ajudavam, quando necessário, e mais da metade os visitavam com frequência porque os amavam; 3) os netos esperavam pouco dos avós; 4) a metade dos jovens pesquisados afirmou que os pais incentivavam seu relacionamento com os avós; 5) os participantes disseram que o/a avô/ó ideal é o que ama e se diverte com os netos, visita-os e ajuda-os, quando necessário.

Harsthorne e Manaster (1982) realizaram uma investigação com 178 jovens universitários, com média de idade de 21 anos, sendo 69% constituída de mulheres. Eles investigaram quatro variáveis: 1) *Contato com os avós*: variou de todos os dias a nunca. O contato com os netos se dava mais por telefone e cartas, embora as visitas fossem frequentes durante o ano; 2) *Avaliação do contato*: os netos demonstraram a necessidade de mais contato com os avós; 3) *Avaliação do relacionamento*: 43,8%

disseram que o relacionamento com os avós era muito importante e 51,1% que era importante. Apenas 4% disseram que o relacionamento era neutro e 1% que não tinha influência; 4) *Concepção do papel*: os participantes consideraram que os avós eram pessoas influentes tanto na dimensão social, como na pessoal.

Os autores concluíram que os avós do lado materno apareceram como os preferidos, mas discutiram que isto pode se dever ao fato de eles, em geral, serem mais jovens que os paternos, com quem o relacionamento é mais formal. Eles acreditam que os jovens podem aprender com os avós maneiras mais efetivas de viver e se preparar para o futuro, como também podem aprender com os mais velhos o modelo de maturidade filial e adaptação à meia-idade e à velhice.

Matthews e Sprey (1985) estudaram 132 adolescentes mais velhos (67 do sexo feminino e 63 do sexo masculino) e encontraram evidências de que a relação entre eles e seus avós dependia da proximidade física, bem como do relacionamento estabelecido entre seus pais e seus avós. Para os autores, a proximidade física e emocional que é alicerçada na infância, tende a continuar na vida adulta. Os eventos estressores que ocorreram na vida dos netos como divórcio e recasamento, doenças, dependência química, por parte dos pais, tenderam a aproximar avós e netos, demonstrando estes maior solidariedade para com os avós.

Kennedy (1990) realizou uma pesquisa com 704 estudantes de universidade do meio-oeste americano, de ambos os sexos, várias etnias e estruturas familiares. O autor encontrou os seguintes resultados: 1) Em geral os netos se mostraram mais próximos das avós que dos avôs; 2) Apresentaram uma visão positiva de todos os avós (amáveis, prestativos, modelo); 3) As mulheres demonstraram possuir um relacionamento mais próximo com os avós; 4) Os jovens da raça negra desejaram que os avós dessem mais

assistência, disciplina e orientação que os indivíduos brancos; 5) As avós mostraram-se mais influentes nas famílias monoparentais do que nas famílias intactas.

Noutra investigação realizada com 391 universitários (54% do sexo feminino e 46% do sexo masculino), Kennedy (1992a) encontrou cinco elementos que atestam a qualidade do relacionamento entre avós e netos: 1) *Grau de proximidade com os avós*: 11% disseram ter um relacionamento extremamente íntimo com os avós, enquanto 43% assinalaram um relacionamento muito íntimo; 2) *Sentimento de ser reconhecido*: 58% afirmaram ser reconhecidos e entendidos pelos avós; 3) *Sentimento de conhecer bem os avós*: os netos também referiram que conheciam bem os desejos, atividades e sentimentos dos avós; 4) *Influência dos avós na vida do neto (a)*: os netos mostraram gratidão pela influência que os avós mais íntimos tinham em sua vida; 5) *Pais como ponte para a comunicação*: os universitários admitiram que os pais fizeram a mediação no seu relacionamento com os avós, mas afirmaram ter hoje um relacionamento autêntico e independente com os avós, não dominado pela geração do meio, mas apoiado por ela.

Para Kennedy (1992b) as atividades são uma forma de “fazer” e de “ser” no relacionamento avós e netos. Na mesma pesquisa, realizada com 391 universitários, em que 67% provinham de famílias tradicionais, ou seja, aquelas formadas por pai, mãe e filhos, 18% eram de área rural; 93% de camadas médias; 83% de brancos, o autor explorou as atividades realizadas com os avós, relacionando-as às variáveis sociodemográficas. Ele observou que as atividades realizadas foram influenciadas pela qualidade do relacionamento com seus pais e avós. Atividades ao ar livre, aprender um ofício e atividades realizadas na comunidade foram referidas mais pelos netos com os avôs. As atividades relacionadas à comunicação, sociais e de tomar conta foram realizadas mais com as avós. Com os avós mais velhos, as atividades mais comuns

foram contar histórias e ler livros. Os netos provenientes de zona urbana identificaram mais atividades como fazer compras, viagens e cuidado recíproco. Já os de zona rural e cidades pequenas relacionaram trabalhar no jardim ou na fazenda e dirigir na cidade para os avós. Em relação ao sexo dos netos, as moças se engajaram mais nas tarefas de casa e relacionadas aos interesses familiares. Os netos apontaram atividades de lazer como pescar, andar de barco, jogar e atividades na fazenda ou curral. No que se refere à raça, os participantes negros relataram as atividades de cuidado mútuo. Quanto à estrutura familiar, os jovens de famílias recasadas ou mistas relataram um envolvimento maior com os avós que os de outras organizações familiares, talvez por eles terem apoiado os netos no momento da separação dos pais. Os netos mais velhos ou filhos únicos se envolveram mais em atividades com os avós. E como não poderia deixar de ser, os netos que viviam próximos aos avós realizaram mais atividades com eles.

Franks, Hughes, Phelps e Williams (1993) acreditam que realizar pesquisas com netos traz o benefício de desmitificar os estereótipos acerca dos velhos e da velhice, propiciando a consciência histórica e perspectiva de vida, companheirismo entre as gerações e prevenindo o isolamento dos idosos. Eles realizaram uma pesquisa qualitativa com 80 universitários, na faixa etária de 15 a 50 anos, com média de 22 anos, sendo 47 mulheres e 33 homens. Eles responderam a um questionário composto de 13 questões que foram reduzidas posteriormente para seis categorias de análise. As questões diziam respeito aos idosos significativos em sua vida e por quais motivos. Foram elas:

1) *papéis desempenhados pelo idoso em sua vida*: a maioria identificou a avó materna como a preferida, seguida pelo avô materno e os paternos. Também listaram tios, amigos e professores. Para muitos, os idosos tomaram conta deles, devido a diversos fatores (doença dos pais, incerteza econômica, gravidez precoce, trabalho dos pais);

fizeram-se presentes em momentos de crise; foram seus motoristas, levando e buscando nas atividades diárias; deram carinho, especialmente nos momentos em que estavam “para baixo”, e compartilharam atividades. Esses idosos significativos também lhes deram conselhos e serviram de inspiração, inclusive para estudar. Ex.: “Eu posso ser eu mesmo com ele/ela”.

2) *benefícios obtidos com os idosos*: os universitários elencaram três tipos de benefícios: a) Comportamento: regras como tratar os idosos, respeito aos mais velhos, orientação religiosa, generosidade; b) Traços de personalidade: persistência, paciência, valorizar e seguir seus sonhos; c) Consciência psicossocial: laços com os familiares, senso de raiz e história familiar, adaptação à família e à sociedade, bem como sentimento de autoestima. Ex.: “Ela me faz sentir importante, especial, e me faz sentir sua favorita”.

3) *Diminuição dos preconceitos*: os universitários divergiram da tradicional visão dos idosos como sérios, fora do mundo e confinados numa cadeira de balanço. Pelo contrário, eles descreveram os idosos como alegres, afáveis, ativos e interessados pela vida. Acharam que os idosos os compreendiam melhor porque também já foram jovens. Exemplos: “Eles têm sonhos como eu”; “Parece comigo”. “Minha avó está escrevendo um livro, só que não sei sobre o quê”; “Minha avó me ensinou a gostar de pássaros cantando na janela num dia bonito”.

Os autores concluíram que os achados da pesquisa podem ser aplicados numa variedade de espaços gerontológicos e educacionais como escolas, casas de idosos, centros de aconselhamento familiar, agências de saúde e comunidades, propiciando trocas sociais, diminuição dos preconceitos e partilha de atividades.

Sanders e Trygstad (1993) realizaram uma pesquisa com 125 universitários, com idades entre 18 e 43 anos, média de 23, sendo a maioria do sexo feminino (86%). Os resultados mostraram o seguinte: a frequência de contato com os avós foi elevada (21% os veem semanalmente, 33% mensalmente e 39% várias vezes ao ano); 81% disseram que o relacionamento com os avós era muito importante; 90% disseram passar grande parte das férias ou feriados com eles; 92% disseram ter respeito pelos avós; 70% referiram que os avós lhes davam dinheiro; 84% viram os avós como transmissores da história familiar, 67% como suporte emocional e 63% como conselheiros/confidentes.

As vantagens que mais se destacaram foram: “me faz sentir confortável” (64%); “expressa apreciação por mim” (50%); “me trata como adulto” (47%); “se interessa por minhas atividades” (44,5%); “me faz sentir necessário/a” (42%). O contato pessoal, a idade e o estado de saúde dos avós influenciaram os resultados, significando que os avós mais velhos e doentes exerceram menos influência. Contudo, mesmo que o contato não fosse frequente, os netos continuavam a valorizar os avós. Não foram encontradas diferenças relacionadas à vinculação materna ou paterna. Os autores concluíram dizendo que os netos na idade adulta têm o potencial de estabelecer conexão direta com os avós, responsabilizando-se pela construção ou não de um relacionamento de qualidade com eles, sem a interferência da geração do meio.

Mills, Wakeman e Fea (2001) realizaram uma investigação com 300 netos, na faixa etária entre 17 e 37 anos, de ambos os sexos, e constataram que apenas 5% não possuíam nenhum dos avós vivos; 12% tiveram os avós como pais substitutos e 39% disseram que os avós cuidaram deles durante uma parte do dia. Interessante ressaltar que um terço deles ainda tinham bisavós. A pesquisa que realizaram teve como objetivo geral investigar a proximidade e o consenso entre os netos e os avós de vinculação materna e paterna. Os resultados mostraram que os netos adultos sentem um forte apego

aos avós, independente da linhagem e do gênero. No entanto, aqueles que haviam vivido a separação e o recasamento dos pais, mantinham vínculos mais intensos com os avós maternos. Isso certamente decorre do fato de que a mãe geralmente fica com a guarda dos filhos e, muitas vezes, volta para a casa dos pais, o que intensifica o contato entre os avós e os netos. Por outro lado, esse resultado evidencia que os avós do lado paterno geralmente têm o relacionamento com os netos prejudicado por ocasião de um divórcio ou recasamento dos filhos.

Na Espanha, encontramos a pesquisa de Triadó, Martínez e Villar (2000), realizada com 272 adolescentes entre 14 e 20 anos. Os autores apontaram os seguintes resultados, a partir da percepção dos netos: os avós com mais idade foram percebidos como os conciliadores; os netos veem seus avós de forma mais distante, enquanto as netas afirmam ter uma relação mais forte com os seus avós; os avós paternos foram vistos como figuras distantes, enquanto os avós maternos representam figuras importantes, repleta de significados positivos.

Castañeda *et al* (2004), por sua vez, pesquisaram 238 adolescentes e jovens adultos (190 mulheres e 48 homens), com média de idade de 20 anos. Seus objetivos foram analisar a percepção dos netos sobre as atividades compartilhadas com os avós, se a relação continua sendo profunda; o que ambas as gerações têm aprendido uma com a outra e qual o papel que os avós desempenham diante dos conflitos. Os resultados mostraram que: 1) As netas continuavam a realizar atividades no interior da casa, especialmente com a avó materna; 2) A realização de atividades com os avós diminuiu após a entrada na universidade, contudo os netos continuavam a valorizar seus avós; 3) As aprendizagens advindas dos avós se relacionaram a “atividades práticas da vida”, para as netas e suas avós, e “jogos de mesa”, para os netos com seus avôs; 4) No que se

refere à postura dos avós diante dos conflitos familiares predominou, para ambos os sexos, a postura de “não interferência”.

No Brasil encontramos a pesquisa de Dias e Silva (2003) que investigaram 100 universitários (50 de cada sexo), com média de idade de 21,63 anos. As autoras encontraram os seguintes resultados: o significado que eles atribuíram ao papel dos avós foi de respeito, sabedoria e experiência de vida. Houve preferência pela avó materna. A principal contribuição dos avós foi a ajuda na criação dos netos, incluindo a ajuda financeira para 50% dos entrevistados. As diferenças que perceberam entre os pais e os avós se relacionaram à diferença de cultura e de valores. As principais atividades realizadas com os avós foram conversar, telefonar e almoçar com eles.

Os avós maternos (avó e avô) são os que mais influenciam a vida da maioria dos netos e netas (Hagestad & Speicher, 1981). Os avós servem como força estabilizadora e atuam como um recurso para seus filhos e netos, podendo prover uma variedade de serviços concretos a seus netos, sobretudo, quando são jovens.

Lerner (1995) diz que o período do final da adolescência e o início da vida adulta é o momento em que os jovens estabelecem novas metas e querem incrementar a independência e a responsabilidade. Para muitos jovens, a transição da adolescência para a vida adulta é marcada pela busca e começo da independência econômica, e o estabelecimento de relações significativas fora das redes familiares. Uma vez que buscam cada vez mais estes objetivos, a distância entre os jovens adultos e seus avós aumenta, limitando as oportunidades de contato.

Contudo, para Connidis (1989), a adultez pode proporcionar uma oportunidade para melhorar e estreitar os laços entre os avós e netos, porque nessa fase eles podem avaliar o impacto que os avós tiveram em sua vida. Outros pesquisadores como

Brussoni e Boon (1998) acreditam que, de maneira geral, os jovens adultos veem as relações com seus avós como muito importantes e influentes em suas vidas.

Nesse sentido, Silveira (2002, p.6) aponta que:

Os jovens podem retificar a imagem distorcida que têm dos idosos, modificar o relacionamento com avós e avôs, agir de forma mais realista e menos sonhadora, desenvolver a solidariedade e a cooperatividade, lidar melhor com regras e limites, compreender a importância dos idosos se voltarem para o passado, pois esta é a sustentação para mudanças futuras. Por outro lado, os idosos se sentirão úteis, menos solitários, aumentarão a autoestima (...), poderão lidar com outro tipo de autoridade, descobrirão muito do seu potencial e estabelecerão uma relação de mais confiança com os mais jovens.

Diante do exposto, interessa neste estudo pesquisar como indivíduos adultos vivenciam e percebem a relação com seus avós, mas para tanto, é necessário entender melhor como se dá a transição para a vida adulta, objeto do próximo capítulo.

2. TORNAR-SE ADULTO: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

Desde muito tempo, o desenvolvimento humano foi e continua a ser objeto de estudo de diferentes campos do saber. Contudo, nos estudos e pesquisas ele foi sempre visto de forma fragmentada e estudado por partes, o que não favorece a compreensão sistêmica do tema.

Não trataremos no escopo deste capítulo de cada fase do desenvolvimento humano, nem tampouco almejamos trazer resultados de pesquisas sobre cada fase que compõe todo o processo de desenvolvimento, uma vez que verificamos que muito já foi estudado sobre infância e adolescência, (comportamentos, necessidades, características, entre outros), como também sobre a passagem, a transição de uma fase do desenvolvimento humano para outra. Optamos por nos deter nos principais conceitos e características da fase adulta, especialmente a do adulto jovem ou jovem adulta, a fim de buscar uma compreensão do que tem caracterizado essa fase.

Muitos foram os que se dedicaram às pesquisas sobre o desenvolvimento da fase adulta como: Arnett, 2000; Borges e Magalhães, 2009; Erikson, 1976; Guerreiro e Abrantes, 2005; Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães, 2006; Hogan e Astone, 1986; Keniston, 1971; Levinson, 1977, 1986; Brandão, 2012. Faremos uso de alguns pensamentos desses pesquisadores no decorrer deste trabalho.

É sabido que, cada vez mais, o período da adolescência tem sido alargado, o que gera um adiamento da entrada do adolescente na fase adulta do desenvolvimento humano. Em contrapartida, as novas gerações estão vivenciando precocemente a entrada no mundo adolescente, caracterizado pela puberdade. A transição para a fase adulta tem sido cada vez mais adiada, o que, conseqüentemente, torna mais frequente a saída tardia da casa dos pais e o assumir de compromissos e responsabilidade. Brandão (2012) relata

que o prolongamento da escolaridade, a liberalização dos costumes sexuais, as dificuldades de acesso à estrutura ocupacional, a instabilidade do mercado e a necessidade de um maior investimento nos estudos e na carreira constituem fatores que dificultam a transição para a vida adulta e que têm prolongado a saída dos filhos de casa e a assunção das tarefas tradicionalmente admitidas como marcando a entrada na vida adulta que se situavam por volta dos 18 anos.

A constatação de que a passagem para a vida adulta se prolongou até quase o início da terceira década de vida levou vários autores da área da psicologia do desenvolvimento a conferir especial atenção a essa fase, procurando denominá-la e distingui-la de outros períodos do ciclo vital. Foram vários os termos sugeridos: adolescência, adolescência prolongada, juventude, jovens adultos ou adultos novatos, transição para a idade adulta e adulta emergente (Arnett, 2000; Erikson, 1976; Keniston, 1971; Levinson, 1986). Esta realidade chamou a atenção de vários investigadores, entre os quais destacamos, neste capítulo, os trabalhos de Levinson (1977) que traz o conceito de “adulto novato” e Jeffrey Arnett (1998, 2000), o de “adulícia emergente”.

Levinson (1977) concebe essa fase do desenvolvimento humano dividida por eras, sendo a primeira era a Pré-Idade Adulta, que se estende do nascimento até aos 22 anos, caracterizada pelo mais rápido crescimento biopsicossocial. A segunda era, a Idade Adulta Jovem, a qual dura dos 17 até aos 45 anos. Como se pode notar pela sobreposição das idades consideradas, Levinson considera a existência de um período de transição, o período dos 17 anos 22 anos como a Transição da Idade Adulta Jovem, fazendo parte de ambas as eras. A era Idade Adulta Jovem é vista como a de maior energia e abundância, bem como a de maior contradição e stress. Assim, o jovem deve estabelecer uma estrutura de vida que providencie uma ligação entre o *self* e a sociedade adulta, construindo o seu novo lar, definir-se como um Adulto Novato, lidando com as

suas escolhas iniciais no que diz respeito à sua profissão, relações amorosas, estilo de vida e valores. O adulto novato deve também estabelecer relações significativas com outros adultos que lhe facilitem a sua entrada na nova etapa de vida. O período dos 40 aos 45 anos é visto como a transição da Meia Idade. E, por fim, vem o período da transição para a Idade Adulta Avançada, sendo esta compreendida dos 60 aos 65 anos, que é o início da última era.

Posteriormente, Jeffrey Arnett (1998, 2000) propôs uma nova fase de desenvolvimento, sendo esta específica para a Idade Adulta, a qual denominou de Adulta Emergente. O autor defende a ideia de que a entrada na idade adulta acontece, especificamente, entre a adolescência e a idade adulta. Esta fase foi proposta devido à prolongada transição para a idade adulta, que está sendo observada nas sociedades industrializadas do ocidente. Este conceito é apresentado não como um período universal, mas como existente unicamente em culturas em que a entrada nos papéis e responsabilidades de adulto é adiada para além dos anos *teens* e, conseqüentemente, é encontrada em países industrializados que requerem um alto nível educacional.

Sendo assim, o referido autor defende que a fase idade adulta emergente não é a adolescência nem a idade adulta jovem, sendo teórica e empiricamente distinta de ambas. Para Arnett (2000), na idade adulta emergente existe um foco na questão da identidade e nas suas principais áreas de exploração: o amor, o trabalho e a visão do mundo. É nesta fase que o jovem experimenta várias formas de estar na vida e, gradualmente, aproxima-se de decisões que perduram.

Tanto Levinson (1977), como Arnett (2000), defendem a existência de um período de experimentação que os jovens vivenciam antes de chegarem de fato na fase adulta do desenvolvimento humano. Ambos os autores reconhecem a necessidade de se estudar as qualidades mutáveis, de transição e redefinição da vida.

Assim, adotaremos, no transcorrer deste trabalho, o termo adulto jovem para os indivíduos de 20 a 40 anos, público-alvo da pesquisa, argumentando que, para a maioria das pessoas, a transição da adolescência para a idade adulta jovem se intensifica no fim dos vinte anos, sendo alcançada por volta dos trinta anos de vida e estabilizada aos 40.

2.1 Transição da Adolescência à Idade Adulta

A investigação sobre a transição para a idade adulta tem incidido na análise de marcadores demográficos que apontam a entrada na idade adulta a partir da concretização de cinco transições: a finalização dos estudos, a entrada no mercado de trabalho, a saída de casa dos pais, o casamento e a parentalidade. Até a década de 70, os jovens capazes de atingir a estabilidade econômica, que lhes permitia a criação do seu próprio núcleo familiar, eram considerados adultos plenos. No entanto, em relação às gerações anteriores, verifica-se, atualmente, que essas transições acontecem mais tarde e que assumem contornos menos lineares, sendo multifacetadas, uma vez que se assiste a uma maior variabilidade nos tempos e sequências destes marcadores nos percursos dos jovens. Assim, o tempo que media o final da adolescência e o início da idade adulta é cada vez mais extenso (Mota & Rocha, 2012).

Por outro lado, Guerreiro e Abrantes (2005) dizem que o prolongamento do tempo de escolarização, a inserção tardia e instável no mercado de trabalho, caracterizada como “trajetória yô-yô”, ou seja, uma transição descontínua permeada por idas e vindas, são características da condição de ser adulto nas gerações mais novas de nossa sociedade. Esse termo é atribuído a Pais, que o criou em 2001. Exemplos: saem da casa dos pais para voltar qualquer dia; abandonam os estudos para retomar depois; encontram emprego, mas a qualquer momento podem sair dele, entre outros. A permanência de adultos jovens na residência de seus pais aponta para mudanças no

processo de transição dos jovens para a vida adulta no cenário atual. Ainda que desfrutem de uma autonomia individualizada, esses adultos jovens buscam junto aos seus pais um equilíbrio financeiro.

Borges e Magalhães (2009) relatam que ser independente dos pais, financeira e emocionalmente, era o que caracterizava, no passado, a chegada à fase adulta. No entanto, hoje é possível ser adulto e ter autonomia não sendo completamente independente. É a possibilidade de ser autônomo sendo ainda, em alguns aspectos, dependente dos pais. Esse fenômeno nos convoca a refletir sobre os novos critérios de entrada na fase adulta no mundo contemporâneo.

A transição para a fase adulta exige do jovem, assumir uma série de novos papéis, responsabilidades, como também a possibilidade de escolhas entre uma multiplicidade de trajetórias de vida. Como resultado dessas mudanças, pesquisadores começam a colocar em questão a relevância dos marcadores citados e passam a analisar novos modos de medir e pensar a transição para a idade adulta. Hogan e Astone (1986) relatam que a transição para a vida adulta tem despertado grande interesse nos cientistas sociais por causa de sua importância na compreensão dos caminhos para a vida adulta. Assumir papéis de adulto abre portas para a constituição de uma família e para a entrada numa carreira ocupacional, visto que o desejo, o momento da vida e a sequência com que os jovens se adaptam aos papéis de adultos influenciam de maneira decisiva as etapas subsequentes de suas vidas.

Concordamos com Aylmer (1995), quando afirma que as fases do ciclo de vida familiar se modificam conforme se tratem de diferentes contextos históricos sociais. Contudo, persiste a ideia de que o decorrer da vida envolve, necessariamente, a passagem de uma fase do ciclo para outra. Essa passagem é normalmente vivida como uma crise e só poderá ser superada com a adequação do sistema familiar às necessidades

impostas pela nova realidade que se apresenta com o passar dos anos. O período de transição para a vida adulta tende a se constituir, por si próprio, numa fase de vida marcada por condições, oportunidades, escolhas importantes e dificuldades, além de uma diversidade de percursos para a chegada nesta nova fase do desenvolvimento humano. Uns continuarão os estudos, seguirão uma eterna e contínua caminhada pelos estudos; outros se dedicarão logo cedo ao trabalho; alguns continuarão por um longo período convivendo com os pais, sem qualquer perspectiva de saída, uma vez que os compromissos e as responsabilidades do mundo adulto podem significar um grande desafio; outros sairão da casa dos pais cedo e junto com amigos buscarão uma nova residência; uns optarão por serem solteiros; outros casarão e constituirão família, ou não. Cada um destes percursos oferece ao jovem diferentes contextos que, inevitavelmente, refletem diferenças no seu envolvimento em muitas tarefas e mudanças desta nova fase.

Reconhecendo que os indicadores outrora utilizados para conferir a entrada na fase adulta não são mais capazes de enquadrar os jovens da atualidade, Arnett (2006, aponta quatro critérios que podem servir como marcadores que parecem consistentes, para identificação e reconhecimento do processo de transição para a fase adulta: aceitação da responsabilidade dos seus atos, tomada de decisões de forma independente, consideração pelos demais, e, tornar-se economicamente independente.

Já Guerreiro e Abrantes (2005) defendem a ideia de que a transição para a vida adulta se dá em dois tempos: um primeiro, em que o jovem se isenta de grandes preocupações e se dedica a experiências e aventuras; e um segundo, em que já se tem estabilidade, compromisso e responsabilidade, no qual se pensa em casar e ter filhos. Segundo os autores citados anteriormente, a vivência de uma transição para idade adulta “livre” contrasta com as atitudes relativas à vida adulta considerada rotineira, aborrecida

e desinteressante. Quando os jovens falam dos seus planos em longo prazo, eles revelam, de forma mais ou menos unânime, a intenção de aderir, num primeiro momento, a esse modelo de vida hedonista, livre e centrado no prazer, como trajeto natural da vida, e somente aos 30 anos é que é a idade estabelecida como limite, para pensar em assumir compromissos e responsabilidades.

Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães (2006) afirmam que o prolongamento da convivência intergeracional na família, ou seja, a permanência mais longa do adulto jovem na casa dos pais, é um fenômeno psicossocial observado, sobretudo, nos estratos médios e altos da sociedade brasileira. São justamente nesses segmentos sociais que são mais evidentes estilos de vida e visões de mundo constituídas a partir de valores individuais e igualitários.

Acredita-se que o prolongamento da saída dos jovens da casa dos seus pais esteja relacionado não apenas ao atraso dos jovens para entrar na idade adulta, mas com as novas possibilidades de constituição da vida adulta hoje. É fundamental considerar aspectos culturais mais amplos da contemporaneidade, como a centralidade do valor do indivíduo e as práticas instituídas dirigidas à autonomia dos sujeitos tanto na esfera pública como na privada (Borges & Magalhães, 2009).

O fato de pais e filhos adultos jovens estarem sob o mesmo teto não os torna menos comprometidos com as questões do indivíduo, pelo contrário, ressalta uma relação marcada pela busca de autonomia, a qual é construída através da prática de negociações constantes sobre suas condutas no espaço doméstico, de modo que vão criando consensos que permitem a construção de uma relação de igualdade entre os adultos jovens e seus pais, não sendo caracterizada pelo englobamento do indivíduo pelas regras familiares e, sim, pautada por princípios de igualdade e de valorização da individualidade de cada membro da família (Sheehy, 2003).

Em contrapartida, na realidade brasileira, nos termos da legislação vigente, a idade de 18 anos é considerada como a maioridade legal pela Constituição da República Federativa do Brasil, sendo legítima para o novo Código Civil Brasileiro (2002). Assim, a menoridade cessa aos 18 anos. A idade penalmente imputável prevista pelo Código Penal Brasileiro é, também, aos 18 anos. Já no Estatuto do Idoso (2003), há a definição de idoso como aquela pessoa com 60 anos ou mais de idade.

Concordamos com Sheehy (2003), quando afirma que essa demarcação está ultrapassada, tendo em vista que a puberdade tem começado mais cedo e a adolescência está se prolongando. Os adultos jovens estão cada vez mais alongando o seu período de estada na casa dos pais, o que nos leva a refletir sobre o paradoxo que a família contemporânea tem vivido, quando precisa conciliar práticas individualizantes e hierarquizantes, ou seja, a permanência desses adultos jovens juntos aos pais impõe que se faça uma articulação entre pertencer à família e não ser englobado por ela. Conseqüentemente, o final da vida adulta também está sendo postergado pela queda da mortalidade e melhoria das condições de vida.

2.2 Os relacionamentos interpessoais na fase adulta

De acordo com Papalia e Olds (2000), os adultos jovens, geralmente, estão no auge de sua força, energia e resistência. É também uma etapa de vida em que qualquer estímulo ao organismo resulta em resposta imediata, sendo, portanto, uma fase do desenvolvimento humano caracterizado também pelo auge da vitalidade. Trata-se de uma época em que os esforços para prolongar a juventude, mantendo atitudes e atividades propulsoras de saúde (bons hábitos alimentares, comportamentais, rotinas de

sono e higiene física e mental, exercícios físicos e bons relacionamentos) são muito bem-vindos e realmente preconizam um futuro de prolongada energia vital.

Para Mota e Rocha (2012), a internalização de modelos de base segura, fornecidos pelos pais aos adolescentes e jovens adultos, surge como um dos facilitadores do processo de autonomia. A “separação” da família de origem é um passo relevante no desenvolvimento do jovem, pois propicia o alargamento da rede de apoio emocional e o apego à figuras alternativas de identificação. O distanciamento físico e emocional dos pais permite o processo de individualização do filho, embora a necessidade do laço parental continue sendo fonte importante de segurança. Trata-se de encontrar o equilíbrio entre o desejo de individualidade e a permanência de ligação com a família.

Aylmer (1995) pontua que os adultos jovens, muitas vezes, ficam muito ambivalentes em relação a buscar conselhos dos pais e de outros membros da família nesse período de elevado estresse. A necessidade de manter a independência, ou de invalidar a sabedoria paterna pode privar o adulto jovem de um sistema de apoio muito necessário durante esse tempestuoso período de transição. O adulto jovem se encontra em um processo de afirmação e testagem de seu potencial, frente aos desafios pessoais e sociais, o que pode levá-lo a experimentar muita ansiedade, caso o seu ingresso na idade adulta aconteça sem que o mesmo esteja encaminhado na sua vida profissional. O apoio da família, tanto a de origem como a extensa, na qual se incluem os avós, é essencial nesse momento. Por estarem num nível de maior estabilidade emocional e financeira, muitos avós ainda dão suporte aos seus netos, especialmente nos momentos de crise e estresse vividos pelas gerações mais novas.

Os jovens buscam, de alguma forma, um referencial para se apoiar e conseguir projetar-se para o futuro. Geralmente este referencial, segundo Borges e Magalhães

(2011), acontece pela identificação com os mais velhos. Pelo processo de identificação entre as gerações, os adultos jovens podem arquitetar uma imagem de si mesmo, calcada numa figura mais velha.

Para Papalia e Olds (2000), a *fratria* é um porto seguro, pois é na similitude das vivências e da reciprocidade que os irmãos aprendem não só a compartilhar, bem como a lutar pelo seu espaço, constituindo um laboratório social que possibilita aos seus componentes a interação com outras pessoas. O relacionamento com os irmãos é o mais duradouro na vida das pessoas, uma vez que, pelo ciclo natural da vida, os pais tendem a morrer primeiro.

Os colegas e amigos também são importantes, pois transmitem ao adolescente e ao adulto jovem a sensação de pertencimento e de ser importante, o que favorece sua autoestima. Para Erickson (1976) essa fase vai se caracterizar pelo sentimento de isolamento ou, ao contrário, o de intimidade. O relacionamento com o par amoroso também desempenha um ensaio para futuras vivências românticas que vão permitir o desenvolvimento de respeito e tolerância ao outro, características que devem perpassar um relacionamento íntimo.

De acordo com Papalia e Olds (2000), tradicionalmente, é nesse período que as pessoas formam relacionamentos que podem se estender pela maior parte de suas vidas adultas, relacionamentos estes baseados tanto em amizade, como em amor e sexualidade. A intimidade inclui a ideia de compartilhar a vida com alguém. A necessidade de formar relacionamentos fortes, estáveis, íntimos e amorosos é um poderoso motivador de comportamento humano. No entanto, verifica-se que o projeto da maternidade/paternidade, cada vez mais, tem sido adiado em função da busca incessante pela qualificação profissional e acadêmica. Entretanto, em qualquer época, o

primeiro bebê vem marcar uma importante transição nas vidas dos pais. Ter um filho representa uma grande experiência de desenvolvimento.

Em síntese, podemos concluir que a entrada no mundo adulto é permeada por muitas contradições e desafios, constituindo um processo de idas e vindas em que pais e filhos são convocados a negociar novos espaços de autonomia, bem como a utilizar flexibilidade, compreensão e respeito mútuo para que a inserção destes na fase adulta seja favorecida.

Os familiares, os amigos e o par amoroso constituem o que Papalia e Olds (2000) chamam de “camada protetora” que ajuda o jovem nas negociações e realização dos desejos frente aos desafios que enfrenta ao longo dessa fase.

3.OBJETIVOS E MÉTÓDO

3.1 Objetivo Geral

Investigar a percepção dos vínculos e relacionamentos entre netos adultos e seus avós, sejam eles de vinculação paterna ou materna.

1.1.1. Objetivos Específicos

Analisar:

- O significado dos avós para os netos, bem como sua relação com eles.
- Os sentimentos que brotaram e brotam no seu relacionamento com seus avós.
- A influência exercida pelos avós na vida dos netos adultos.
- A mediação dos pais na relação entre avós e netos ao longo da vida.
- A frequência de contato com os avós (caso eles estejam vivos) e as atividades desenvolvidas entre ambos.
- Os fatores que podem ter obstaculizado seu relacionamento com os avós.
- A evolução desse relacionamento ao longo do tempo.

3.2 Método

A pesquisa é de natureza qualitativa, exploratória, de caráter descritivo. Aprovada pelo Comitê de Ética, com o CAAE: 23559413.9.0000.5206. Numa abordagem qualitativa, a preocupação maior é com o aprofundamento e a abrangência da compreensão. Nessa perspectiva, busca-se o esgotamento da informação, de modo que a amostra ideal é aquela que é capaz de “refletir a totalidade nas suas múltiplas dimensões” (Minayo, 2004, p. 102). Segundo a autora, alguns critérios básicos são exigidos para definição do número de participantes:

- a) definir o grupo social mais relevante para as entrevistas;
- b) não esgotar até se configurar o quadro empírico da pesquisa;
- c) prever inclusões progressivas em função das descobertas em campo e seu confronto com a teoria;
- d) não se limitar a uma fonte de dados, multiplicando as tentativas de abordagem.

Segundo Minayo (2004), a amostragem qualitativa se caracteriza por:

- a) privilegiar os sujeitos sociais detentores das informações que o investigador pretende conhecer;
- b) considerar uma quantidade de sujeitos que possibilite a reincidência das informações, sem desprezar aquelas singulares com potencial explicativo;
- c) considerar a diversidade do conjunto de informantes para possibilitar a apreensão de semelhanças e diferenças;
- d) esforçar-se para que as escolhas dos locais e do grupo de informantes contenham as experiências e expressões que se pretende objetivar.

É importante destacar que, esta pesquisa foi aprovada pelos Comitês: Científico e de Ética da Universidade Católica de Pernambuco. (ANEXO D)

3.2.1 Participantes

Formaram a amostra desta pesquisa, 14 adultos, situados na região metropolitana do Recife, no estado de Pernambuco, com a faixa etária de 21 a 40 anos, com média de idade de 27 anos, sendo seis indivíduos do sexo masculino e oito indivíduos do sexo feminino. O nível socioeconômico foi variado, com a predominância de quatro salários mínimos (SM). Quanto à escolaridade dos participantes, tivemos uma variedade: 04 com ensino superior completo, 07 com o ensino superior incompleto e 03 com o ensino médio completo. O estado civil predominante foi casado, independente de ser união legalizada ou estável, sendo apenas 3 participantes solteiros. Salientamos que todos os participantes receberam nomes fictícios, com o intuito de preservar o sigilo sobre sua identidade.

3.2.2 Instrumento da Pesquisa

Utilizamos nesta pesquisa, como facilitador de abertura e aprofundamento, um roteiro de entrevista semiestruturado, composto de oito questões abertas, sendo sete relacionadas aos objetivos deste estudo, e a última questão foi livre. Ela possibilitou ao entrevistado acrescentar algum pensamento ou assunto relacionado ao tema da pesquisa que não fora abordado pela pesquisadora. Este roteiro foi utilizado a fim de nortear a entrevista individual, bem como utilizamos na ocasião um questionário com os dados sociodemográficos, a fim de caracterizarmos melhor os participantes (ANEXO A). O roteiro de entrevista foi desenvolvido a partir dos seguintes passos: relação com os objetivos específicos, revisão da literatura e realização de entrevista piloto.

3.2.3 Procedimento de Coleta dos Dados

A identificação e o convite aos participantes desta pesquisa se deram tanto pelo critério de conveniência, como pelo critério de cadeias de referência, conhecida como a técnica metodológica *snowball*. No Brasil, ela é conhecida como “amostragem em Bola de Neve” (a “Bola de Neve”) ou, ainda, como “cadeia de informantes”. Esta técnica consiste em um método não probabilístico, considerado por Turato (2003) como adequado para pesquisas qualitativas. O pesquisador investiga, ouve um participante que pode oferecer dados sobre o tema estudado e, após a entrevista, o participante é solicitado pelo pesquisador a indicar uma pessoa para participar da pesquisa.

Todos os participantes foram contatados por telefone e tiveram o seu horário agendado. Eles foram informados da natureza da pesquisa, bem como dos seus objetivos, a fim de usarem da sua liberdade para decidir quanto à sua possível participação. Uma vez apresentados os objetivos da pesquisa, todos foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE (ANEXO B), em consonância com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, que avaliou a pertinência dessa pesquisa, como também foram assegurados que sua identidade não seria, por qualquer hipótese, revelada. As entrevistas foram realizadas em locais de conveniência dos participantes e tiveram uma média de duração de 40 minutos.

3.2.4 Procedimento da Análise dos Dados

Após a transcrição das entrevistas, os dados foram analisados de acordo com a técnica de análise de conteúdo temática (Minayo, 2004), que consiste em três fases: pré-análise, organização do *corpus* e análise e interpretação dos resultados. Explicando melhor cada etapa percorrida, a *pré-análise* se concentra “na escolha dos documentos a serem analisados; na retomada dos objetivos iniciais da pesquisa, reformulando-os frente ao material coletado e na elaboração de indicadores que orientem a interpretação final” (Minayo, 2004, p. 209). A segunda etapa é a *exploração do material*, que “consiste essencialmente na operação de codificação, através da transformação dos dados brutos, visando a alcançar o núcleo de compreensão do texto” (Minayo, 2004, p.210). “A partir daí o pesquisador realiza *as interpretações* previstas no seu quadro teórico” (Minayo, 2004, p.210).

Dessa forma, foram abordados os temas predominantes na fala dos participantes e analisados com base na literatura utilizada neste trabalho. Com base nas questões que nortearam as entrevistas, foram levantados seis eixos temáticos que serão apresentados e discutidos no capítulo seguinte.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apresentaremos, neste capítulo, os resultados obtidos, os quais foram agrupados em seis eixos temáticos, a saber:

1. Significado dos avós para os netos adultos;
2. Influência dos avós na vida dos netos;
3. Percepção do relacionamento com os avós ao longo do tempo;
4. Atividades realizadas e a frequência de contato com os avós;
5. Dificuldades no relacionamento;
6. Características marcantes dos avós e/ou lições de vida.

A cada apresentação de eixo temático, discutiremos detalhadamente os resultados encontrados, buscando realizar uma interlocução com a literatura consultada.

4.1 Significados dos avós para os netos adultos

Identificamos neste eixo quase que uma unanimidade em todas as respostas, consistindo em que os entrevistados percebem os seus avós como pessoas muito significativas, que representam amor, sabedoria, compreensão, carinho, e que contribuíram para a sua formação enquanto adultos, corroborando pesquisas anteriores (Batchelor, 1993; Dias & Silva, 2003; Harsthorne & Manaster, 1982; Kennedy, 1992 a; Robertson, 1976). Podemos observar o que foi dito nos relatos a seguir:

Significam muito. Pessoas que contribuíram e contribuem na minha formação como pessoa e cidadão. Arthur (27 anos)

Minha avó paterna é minha referência de mãe, de mulher [...].

*Mulher sábia, que cuida, que aconselha. **Núbia (27 anos)***

*Pessoas que me ensinaram como é bom estar sempre sorrindo e levando alegria. Pessoas que me ensinaram que a vida não é feita apenas de quedas e sim de obstáculos a serem superados com bom ânimo. **João (20 anos)***

Os avós, muitas vezes, servem de refúgio, proteção e fonte de sabedoria, principalmente quando a figura parental está ausente, seja por conta de situações transitórias como trabalho, doenças, uso desenfreado de substâncias psicoativas, separação, recasamento ou mesmo por uma situação definitiva como a morte.

*Minha avó materna era como uma mãe para mim, principalmente porque perdi minha mãe muito cedo. Foi a pessoa mais importante da minha vida. O único colo que conseguia suprir a minha saudade da minha mãe. Super avó, fomos amados como filhos. Pessoa especial na minha e na vida dos meus irmãos. **Lívia (40 anos)***

Na fala de Lívia, vislumbramos o quanto a relação com sua avó materna é permeada de sentimentos de saudade, gratidão, reconhecimento, ao ponto de se emocionar ao se lembrar dela.

O significado atribuído aos avós está associado ao tipo de relação estabelecida entre pais e filhos, o que, conseqüentemente, refletirá na relação dos netos com seus avós. Os pais funcionam como mediadores entre avós e netos, facilitando ou dificultando esta relação. São eles que valorizam, estimulam, aprovam e favorecem os

encontros entre as gerações. Quanto mais próximos os pais forem dos avós, maior será a interação entre netos e avós, o que resultará na vivência de um relacionamento intergeracional mais consistente, maduro e com troca de experiências (Robertson, 1975).

*Hum! Acho que sempre a gente só ia a casa deles [...], dos meus avós paternos, quando os meus pais iam, porque era em outra cidade, aí ficava mais complicado. Mas quando eu comecei a estudar, assim na faculdade, aí eu mesma ia sozinha lá visitar eles. Não era muitas vezes, isto é verdade, mas eu ligava para eles para saber se estava tudo bem[...] **Beatriz (27 anos)**.*

*Com a minha avó materna convivi muito mais, a gente ia, eu, minha mãe e meus irmãos, quase todos os domingos, a gente ia pra casa dela. Ela gostava muito de conversar, contar histórias da Princesa Isabel por conta da libertação dos escravos, dos negros (risos). Ela está sempre atualizada das coisas, e eu gostava de ouvi-la. **Edilene (33 anos)***

Tenho lembranças muito boas com meus avós, assim, relembro o passado dos meus avós maternos, eu vejo que eles deixaram brincadeiras, momentos felizes, passeios que a gente ia pra casa deles bem cedinho, eu com a minha mãe e meus irmãos. Eles moravam num sítio e era maravilhoso chegar lá e encontrar meu avó deitado na rede da sala e minha vó na cozinha fazendo a comida no fogão de lenha. Eu ficava ao lado

*do fogão, tentando entender como ela conseguia cozinhar naquele fogão. Minha mãe ficava ajudando ela. **Heloísa (40 anos)***

4.2 Influência exercida pelos avós na vida dos netos

Buscamos neste eixo verificar junto aos participantes se, de alguma forma, eles percebiam algum tipo de influência de seus avós frente às suas escolhas, sejam elas sentimentais (par amoroso e amizades), na carreira profissional (cursos e empregos), na filosofia de vida (religiosidade, crenças, valores e conceitos). Falcão (2009) afirma que os avós podem influenciar a vida dos netos tanto positivamente, funcionando como mediadores de discussões entre filhos e netos, amortecedores de estresses familiares, incentivadores de seus netos, quanto negativamente, quando da transmissão transgeracional de conflitos, violência, abandono, dependência química, entre outros.

Constatamos, através dos relatos dos participantes, que os avós, sejam eles de vinculação materna ou paterna, exercem muita influência na vida de seus netos. Alguns dos entrevistados vinculam seu *status* na fase adulta, ou seja, o que são enquanto homens e mulheres hoje, o que conquistaram, bem como algumas de suas escolhas, às influências de seus avós, conforme podemos vislumbrar nos relatos que se seguem:

*Hoje trabalho no comércio, assim como minha avó também trabalhava. Como não tive muito contato com os meus avós paternos, quem marcou mesmo a minha vida foram os meus avós maternos. Na questão da assistência; valorização; cuidado; preocupação; religiosidade. **Lívia (40 anos)***

A consequência que eu sou vem dele; na crença que sigo; no Deus que sirvo; influência positiva. Estela (37 anos)

Na pesquisa realizada por Franks *et al* (1993), na dimensão “benefícios obtidos com os idosos”, os netos elencaram o comportamento, traços de personalidade e consciência psicossocial, o que também foi constatado nesta pesquisa:

Ajudaram no meu crescimento como homem; me ensinaram alguns princípios e valores da vida: caráter, honestidade e sentimentos para com o próximo. Arthur (27 anos)

Hoje sou gente, honro meus compromissos, meu trabalho, minha esposa, a casa, meus irmãos. Tenho responsabilidade, educação, respeito aos mais velhos, tenho disciplina. Isto aprendi com meu avô. Benício (40 anos)

Assim moral, principalmente; sou de bairro pobre, nasci em bairro pobre é tipo, praticamente de 20 colegas meu, que estudou comigo no ensino médio viraram marginal [...] a relação que tinha com meu avô era muito boa, ele dava conselho sempre e dizia: “olha, não se ajunte com fulano, ele é errado.” Muitas vezes eu estava com meus amigos, via eles fazendo coisa errada, mas nunca fiz. Creio que o ensinamento que ele, meu avô, me passou, fez a diferença na minha vida. Jeremias (28 anos)

A fala de Jeremias reflete o sentimento de gratidão ao avô paterno, pelos conselhos e intervenções realizadas no que tange ao cuidado em preservar o neto de

amizades consideradas “erradas” pelo avô. O próprio Jeremias reconhece o quanto foram oportunos e aceitos os ensinamentos de seu avô, quando ressalta que eles fizeram a diferença em sua vida.

Para Baranowski (1982) e Franks *et al* (1993), os avós também influenciam a maneira como os netos passam a encarar os idosos de maneira geral, bem como o seu próprio envelhecimento. Um relacionamento saudável com os avós favorece uma percepção da velhice como algo natural no processo de desenvolvimento humano, assim sendo também estimula sentimentos de respeito, valorização e paciência com outros idosos. A relação avós e netos favorece a troca de experiências. O passado de uma geração não alcançada pelos netos passa a ser acessado através das histórias contadas pelos avós. Por outro lado, para os avós, as experiências e vivências com os seus netos, leva-os, também, a uma constante atualização.

Meus avós me influenciaram na busca da felicidade, na alegria e no respeito pelas pessoas idosas. João (20 anos)

Eles influenciaram no meu comportamento; no meu respeito para com o próximo, no meu caráter, na pessoa que sou hoje.

Márcio (21 anos)

Meus avós [...] contribuíram pra quem eu sou então hoje. O respeito que eu tenho para com os idosos, como eu tenho muitos pacientes idosos, então eu os trato como meus avós. O carinho que eu tenho pelos meus avós, eu deposito meio que neles, então as dificuldades eu entendo porque eu vivencio isso e é como se

eu tivesse vivenciando com alguém próximo [...]. Cleide (27 anos)

Essas falas comprovam o que fora assinalado por Silveira (2002), ao refletir que os jovens podem retificar a imagem distorcida que podem ter dos idosos e incorporar as influências do passado visando o futuro. O fato é que o encontro destas duas gerações permite aos avós, e aos netos, a oportunidade de compartilharem formas de existir no mundo, através da singularidade das experiências de épocas diferentes, gírias, modismo, valores, pensamentos e conceitos, que ambos carregam ao longo de sua existência.

Tornar-se avô/avó faz com que as pessoas percebam a passagem do tempo, visto que são agora a ‘velha geração’, como foi retratado por Silva e Dias (1999). O sentimento de continuidade, a sensação de realização é trazida pela nova geração: a dos netos. Identificamos uma participante que hoje consegue se perceber como avó, mesmo ainda não o sendo:

Hoje em dia, eu me imagino vó e consigo me imaginar vó, porque tive avós presentes, então por esse motivo eu me imagino vó também... Heloísa (40 anos)

4.3 Percepção do relacionamento com os avós ao longo do tempo

A imagem que as crianças e adolescentes têm em relação aos avós, em geral, é positiva (Rabinovich & Moreira, 2008). Isso não é muito diferente para a maioria dos netos adultos. Os avós que outrora tiveram que substituir, por um período de tempo, os pais, ou que tiveram participações na educação dos netos, representa, muitas vezes, o papel de pais em suas vidas, seja corrigindo quando necessário, seja aconselhando. Eles

continuam sendo percebidos pelos netos, mesmo já adultos, como pessoas significativas e de grande relevância, verdadeiros confidentes e segundos pais.

Um relacionamento saudável, de pai pra filho, de mãe pra filho. Eles são meus segundos pais; sei que posso contar com eles em todos os momentos. Arthur (27 anos)

Hoje tenho uma visão completamente diferente e vejo que nós podemos alongar ainda mais a felicidade deles e a nossa também. João (20 anos)

Não houve muita mudança. Acho que quando a gente fica adulta, passamos a perceber que os avós têm um papel importante na nossa vida, pois somos a geração que veio deles. Acho que o afeto e o carinho continuam. Acho que depois de adulta ficamos mais presentes com os avós do que quando criança, porque meus pais trabalhavam muito e não tinham muito tempo. Depois que eles, meus avós, ficaram idosos, passei a ter um contato melhor. Estela (37 anos)

No entanto, também tivemos participantes que se mostraram totalmente contrários ao que a literatura afirma sobre a percepção positiva dos netos em relação aos seus avós, quando expressaram se sentirem negligenciados por eles, ou mesmo quando afirmaram a desvalorização, e a despreocupação tanto da sua parte em relação aos avós, como dos avós para com os netos. Vejamos os relatos de Jéssica e de Benício:

[...] percebo uma ausência dos meus avós na minha vida; despreocupação por parte deles em relação à minha vida.

Jéssica (23 anos)

Tive um afastamento dos avós. Arrependimento porque "esqueci" os avós. Hoje reconheço a importância dos avós na minha vida. Depois do casamento é nítido que o ser humano, em geral, esquece um pouco dos avós; diminui a frequência. Há alguns anos atrás pensava assim: "Ah, meus avós estão velhos, não precisam de atenção, não precisam de visita, não precisam de seu neto lá." Mas hoje penso diferente e vejo que eles precisam porque podemos passar um pouco de felicidade pra eles. **Benício (40 anos)**

Esse neto mostra como o envolvimento nas tarefas desenvolvimentais da vida adulta o afastou dos avós, conforme a literatura assinala (Arnett, 2006; Hogan & Astone 1986). A relação entre avós e netos pode acontecer de várias maneiras de acordo com o momento, a disponibilidade de cada um e da intermediação da segunda geração os pais, acompanhada de vários sentimentos. De acordo com Dias (2002), são diversas as variáveis que influenciam as relações entre avós e netos, tais como: idade, gênero, mediação dos pais, distância geográfica, trabalho e saúde dos avós, o nível socioeducacional da família, ocorrência de eventos como separação, crises, doenças, entre outros.

Observamos também aqueles que, por desfrutaram de um bom relacionamento com seus avós e por reconhecerem a importância deles na sua vida e, principalmente, por perceberem tanto a aquisição da função de avó, bem como o envelhecer como mais

uma etapa do desenvolvimento humano; hoje se veem enquanto avós e esperam também alcançar muitos anos de vida, conforme o relato da entrevistada abaixo:

*Hoje em dia, eu olho e digo assim: "Cheguei até aqui", porque quando a gente é criança não pensa nisso em idade, quando é adolescente acha que nunca vai ficar velho e quando é adulto tem vontade de chegar aos 40. Então eu penso: "Cheguei até aqui, consegui, passei por etapas, consegui". Então, relembrando, até a minha bisavó eu consegui ver, só a bisavó paterna eu consegui ver, mas hoje em dia eu lembro como um filme. Então essas coisas eu tenho comigo, com certeza, aí eu digo: "Cheguei aos quarenta, quero chegar aos oitenta. Aos oitenta, quero chegar lá também". **Heloísa (40 anos)***

4.4 Atividades realizadas e a frequência de contato com os avós

É sabido que as atividades realizadas entre avós e netos se configuram uma oportunidade em que ambos podem estabelecer conexão, um aprofundamento na relação. Através da troca mútua, netos e avós ensinam e aprendem simultaneamente, sendo esta uma experiência bastante enriquecedora para ambas as gerações. Kennedy (1992 b), a partir de uma pesquisa realizada com 391 universitários, chegou à seguinte conclusão: as atividades realizadas com os avós são influenciadas pela qualidade do relacionamento entre seus pais e avós. Obtivemos tanto relatos de um bom relacionamento entre avós e pais que resultou na boa relação dos avós com os netos, como o oposto, conforme relato abaixo:

*Por não ter muita proximidade com meus avós paternos, não fazia nenhuma atividade com eles. Não tinha atenção deles, nem tínhamos um bom relacionamento. Nunca cheguei para sentar com eles, ou compartilhar momentos [...] Minha mãe pouco falava com eles. **Jéssica (23 anos)***

Esse relato de Jéssica mostra como o relacionamento com os seus avós paternos foi prejudicado pelo mau relacionamento de sua mãe com os sogros, configurando o estilo denominado “figura distante”, por parte desses avós (Neugarten & Weinstein, 1964).

Por outro lado, temos a fala de Estela denotando uma proximidade intensa com a avó:

*Com a minha avó materna convivi mais tempo. Eu lembro que ela, com 90 anos, fazia um bolo de massa delicioso e eu pude, por vários momentos, aprender aquela mesma receita que ninguém sabia fazer bolo igual a ela. **Estela (37 anos)***

Kennedy (1992 b) observou também que os netos que viviam próximos aos avós realizaram mais atividades com eles, bem como os netos mais velhos ou filhos únicos se envolveram mais em atividades com os avós.

Concordamos com as pesquisadoras Dias e Silva (2001) quando afirmam que são os pais que estabelecem os encontros com os avós no período da infância até chegar à fase da adolescência, uma vez que as crianças são totalmente dependentes de seus pais ou responsáveis. O relacionamento entre avós e netos vai adquirindo outros significados ao longo do tempo, sendo, portanto, marcado no período da infância pelo prazer de estarem juntos nas brincadeiras, na contação de histórias e nas novas descobertas, como

por exemplo, no preparo de comidas, entre outros. À medida que se avança nas fases do desenvolvimento, os netos passam a percebê-los através de suas próprias lentes, o que poderá levar a um aprofundamento dessa relação. As características dos próprios avós passam a ser relevantes, conforme vislumbramos no relato abaixo:

Quando criança a gente brincava muito, jogava dama, isto com meus avós paternos. Na adolescência, com minha avó materna, era mais dominó. Já hoje, com a minha avó materna, conversamos, recebo o dinheiro dela, no caixa eletrônico; acompanho ela até a farmácia para receber os remédios; levo geralmente ela pra casa quando ela vai visitar a minha mãe.

Arthur (27 anos)

Castañeda *et al* (2004), ao pesquisarem jovens espanhóis, encontraram que os netos se referiram à aprendizagem de “jogos de mesa” com seus avôs e “atividades práticas da vida” com suas avós, corroborando a fala de Arthur.

Na entrevista de Márcio, destaca-se a aprendizagem do ofício de marceneiro, obtida com o avô, conforme descrito abaixo:

*Conversamos sobre tudo; assistimos filme juntos; antigamente ajudava o meu avô a cobrir e reconstruir sofá, restaurar cadeiras, sempre nas minhas férias. Hoje eu fico o mais que puder com meu avô. **Márcio (21 anos)***

No Brasil encontramos as pesquisas de Dias e Silva (2001; 2003) que relataram as principais atividades realizadas com os avós como: visitar, conversar, telefonar e

almoçar com eles. No entanto, nesta pesquisa, outras atividades também foram citadas conforme verificamos nos trechos das entrevistas a seguir:

*Com a avó paterna era pentear os cabelos dela; cozinhar. Com a avó materna eram muitas conversas; dar banho; colocar a comida dela. **Edilene (33 anos)***

*Avó paterna: pude aprender e cozinhar juntas várias vezes. E com minha avó materna, ela gostava muito de estar presente nos acontecimentos de vida da gente. As atividades como conversar, às vezes, vemos um filme juntas, ou vemos juntas as atualizações da família nas redes sociais e os eventos da família. Ao responder essa pergunta, reflito que preciso criar atividades para desenvolver com ela. **Núbia (27 anos)***

Na entrevista de Núbia, vemos como a neta tem introduzido a avó no domínio das novas tecnologias e redes sociais, o que mostra a reciprocidade desse relacionamento e o quanto o contato entre as gerações é enriquecedor para ambos (Barros, 1987; Dias & Silva, 1994; Maldonado & Goldin, 1995; Oliveira, 1998).

Vislumbramos que não apenas com a última participante, descrita anteriormente, mas também, outros participantes se sentiram em falta quanto às atividades realizadas com os avós e afirmaram que esta pesquisa provocou uma reflexão acerca de que outras atividades poderiam ser desenvolvidas com os avós, conforme outro relato transcrito abaixo:

Com minha vizinha, até hoje em dia faço. Sempre pinto as unhas dela e penteio os cabelos. [...]. Às vezes colocava o

*remédio dos olhos dela, estendo umas roupas para ela, colocava a comida dela, mais coisas assim mesmo. Com minha avó materna, saímos juntas, vamos ao shopping, vou receber o dinheiro dela porque ela tem medo e também não sabe usar o caixa eletrônico. Pinto também as unhas dela, já pintei até o cabelo dela (risos). [...] às vezes ajudo ela a fazer alguma comida, geralmente em tempo de festa, assim que vai reunir os filhos e netos. Já com meu avô materno, não tive muito contato. E com meu avô paterno, nisto ele era chato, não gostava que ninguém fizesse nada para ele, só ele sabia fazer as coisas e mais, não gostava de pedir, ele dizia que não queria incomodar. Mas teve uma vez que cheguei de surpresa na casa dele para levar ele no médico, [...]. Acho que poderia ter feito muito mais. **Beatriz (27 anos)***

Associado às possíveis atividades realizadas com os avós, buscamos, também, compreender como se dá a frequência de contato entre os netos já em sua fase adulta do desenvolvimento, estando seus avós vivos, ou quando estes estavam vivos. Conforme relatos abaixo, identificamos, segundo o que a literatura afirma, que com a aquisição de responsabilidade e compromissos que a vida adulta traz; a ida à casa dos avós tende a ser mais espaçada. O tempo parece não mais comportar a realização de tantas atividades com os avós quanto no período da infância e adolescência, quando os jogos, brincadeiras, passeios e mais tempo juntos eram mais frequentes entre os netos e os avós. Observamos que o contato entre avós e netos, com a chegada da fase adulta, torna-se mais pontual, geralmente associado às atividades como: ida a médicos, conversas,

telefonemas e encontros em datas comemorativas, conforme observamos nos relatos abaixo.

*Meus avós maternos a gente tem que se ver toda semana no mínimo. Eu lembro que até a minha adolescência a gente ia todo dia, todo dia tinha que ir a casa deles, todo dia. Com o passar do tempo, a frequência diminui, porque agora já tem a faculdade, trabalho, casamento, isso tudo meio que atropela, e reduz o tempo da gente. Mas assim, todo fim de semana a gente tem que ir lá, almoçar com eles no domingo, no aniversário é certo. Já meu avô paterno, a gente se vê em festa de família (risos) ou quando tem algum problema, alguma dificuldade, algum problema, alguma coisa, aí a gente se encontra, a gente conversa, e ver o que resolve. **Cleide (27 anos)***

*Depois que eu casei, eu passei a ir mais à casa dos meus avós paternos com mais frequência, porque meu marido sempre dizia assim: “Oh, teus avós já estão velhinhos, é sempre bom a gente visitar, estar por perto, e mais porque eles só têm vocês de netos.” Aí a gente ia, levava alguma coisa, sei lá, bolo, frutas, às vezes, flores pra minha vizinha, às vezes, sorvete que ela gosta. **Beatriz (27 anos)***

É interessante observar como o marido dessa participante a estimula a visitar seus avós, mesmo sendo uma pessoa que não mantém laços consanguíneos com os idosos.

*Muita frequência, todos os dias a avó paterna. Já na materna era de quinze em quinze dias, uma vez no mês, [...]. Até hoje eu falo: “Eu vou na casa da minha vó”. Mesmo ela não estando, mais lá, talvez eu devesse dizer que vou na casa da minha tia, mas eu digo: “ Vou na casa da minha avó”. Até hoje, eu não consigo dizer a casa de outra pessoa. **Heloísa (40 anos)***

Lerner (1995) diz que o período do final da adolescência e o início da vida adulta é o momento em que os jovens estabelecem novas metas e querem incrementar a independência e a responsabilidade. Para muitos jovens, a transição da adolescência para a vida adulta é marcada pela busca e começo da independência econômica, por conta da aquisição do primeiro emprego, bem como geralmente é neste mesmo período que a maioria estabelece relações mais significativas fora das redes familiares. Autores como Hodgson (1992), Johnson (1983), Kivett (1985), Sprey e Mathews (1982), concluem que a relação entre os avós e os netos se fragiliza com o avançar da idade. No entanto, algumas falas, na presente pesquisa, mostram que o relacionamento com os avós apontou uma frequência bastante regular e intensa.

4.5 Dificuldades no relacionamento com os avós

Como já foi referido, o relacionamento dos netos com os avós reflete muito dos vínculos estabelecidos entre as gerações que antecedem a chegada do neto, ou seja, entre pais e filhos, os quais se tornarão, ao longo da vida, avós e pais respectivamente. De acordo com Roberto e Stroes (1992), a qualidade do relacionamento entre avós e netos varia de acordo com a ligação parental. Ainda que, na contemporaneidade, seja

mais frequente a convivência dos netos com seus avós, nem sempre esta relação é desfrutada de forma saudável e enriquecedora, uma vez que a existência de conflitos na família pode provocar distanciamento e restrições, que podem afetar o relacionamento entre netos e avós, conforme visualizamos nos relatos transcritos abaixo.

Meus avós foram muito ausentes na minha vida [...]. Nunca percebi a preocupação deles comigo, então assim, são certas coisas que a falta faz com que a gente perceba as coisas [...]. Nunca compartilhei dos momentos importantes na vida deles. Havia falta de afinidade sendo um relacionamento complicado.

Jéssica (23 anos)

*Tive algumas dificuldades no relacionamento com a avó materna, por conta do conflito já existente da minha mãe com a minha vó, a mãe dela e isso nunca foi resolvido. Minha mãe não ia nunca na casa da minha vó[...] Aí, eu pensava se a minha mãe não quer saber da mãe dela, minha vó, é porque ela deve ser muito chata, muito ruim mesmo. Aí eu também não tinha muito contato com ela [...] sempre respeitei ela, mas evitava falar da minha mãe na frente dela, pra não escutar ela falando mal da minha mãe. **Benício (40 anos)***

É provável que existam conflitos no relacionamento entre avós e os demais membros do núcleo familiar. Pais que trabalham defrontam-se com muitas pressões e os avós podem ser jovens e ainda estar trabalhando, o que dificulta que possam ajudar a cuidar dos netos. Tanto a mãe como a avó podem ser progenitoras independentes, ou podem ter novos parceiros que também possuem seus próprios filhos. Enfim, as tensões

surgirão entre as diferentes gerações quando as características de personalidade, necessidades e desejos dos avós e dos pais entrarem em conflito. Padrões de comportamento geralmente são transmitidos entre as gerações, por exemplo: um relacionamento forte e amoroso entre a mãe e a filha será provavelmente passado para a próxima geração. Já nos relacionamentos difíceis e competitivos, faz-se necessário empenho das duas partes para mudar o padrão, como se pode ver no seguinte excerto:

*Meu avô materno não conhece os filhos, nem os netos quando os encontra; Já com a avó paterna, por minha avó não concordar com o relacionamento dos meus pais, quando eu nasci, ela nem queria me ver. Senti rejeição por parte dela durante muito tempo. Quando ia visitar ela, eu entrava por uma porta, e ela saía por outra. Hoje temos um diálogo, sempre que posso vou à sua casa, conversamos. Ela tem um carinho muito grande pelos meus filhos, sempre compra presentes. Creio que até é uma forma de ela recompensar o que não deu a mim enquanto criança. **Rafael (30 anos)***

Já foi referido que os pais funcionam como mediadores entre os seus pais e seus filhos e que são eles que, na maioria das vezes, facilitam ou que dificultam a relação avós e netos. Uma vez que os conflitos, desentendimentos, preconceitos, que perpassam a relação dos netos e avós, geralmente sofrem a influência dos pais, é necessário buscar um equilíbrio na forma de pensar ou de agir destas duas gerações. Os conflitos e/ou dificuldades encontradas, podem ganhar um novo significado, passando de uma vivência de crise para uma lição e aprendizado de vida, conforme o seguinte relato:

*Eu prestei muita atenção nos meus avós. Com certeza eles tiveram falhas, mas eu procurei me deter nas coisas boas que eles me ensinaram, diretamente ou indiretamente. Eles me passaram coisas boas [...] a questão de estar sempre por perto dos filhos, a questão do estar sempre pronto para ajudar, e a questão do amor, que com certeza vou levar para os meus filhos para que eles possam passar adiante. **Arthur (27 anos)***

Connidis (1989) pontua que a adultez pode estreitar os laços entre avós e netos, pois estes agora têm mais condições de avaliar o impacto deles na sua vida.

4.6 Características e/ou lições de vida marcantes

Sabe-se que os avós exercem influência na vida dos netos, em especial a avó materna, que, muitas vezes, na ausência dos pais, passa a ocupar o lugar de cuidadora, provedora e até de responsável pelo neto, servindo como fonte de apoio e consolo. Essa participação mais intensa na vida do neto fortalece ainda mais a relação e os influencia em vários aspectos como: no comportamento, na personalidade e na vida profissional (Franks *et al*, 1993; Roberto & Stroes, 1992), conforme identificamos nos relatos abaixo:

*Com os meus avós aprendi a simplicidade, que podemos amar, podemos dar atenção e podemos ser felizes com o que temos. Não é preciso muito. Eles tinham tão pouco e eram felizes. **Heloísa (40 anos)***

*A tranquilidade em não se desesperar em meio aos grandes problemas da vida. Honestidade, compartilhar os momentos vividos. Tudo isso aprendi com ela (vó materna). **Rafael (30 anos)***

*Meu avô materno, com certeza, a força, firmeza, autenticidade, honestidade do meu avô, acho que respeito às pessoas também. Acho que ele era forte, falava com autenticidade, quando gostava de algo gostava, quando não, era não mesmo. Quando prometia algo fazia mesmo, sabe? Valoriza os pequenos detalhes. **Beatriz (27 anos)***

Dias e Silva (1999) afirmam que à medida que, o tempo passa, os netos amadurecem e podem passar a perceber e a se relacionar com os seus avós de outra forma. Eles passam a valorizar os avós pelas suas características de personalidade e a imitá-los ou mesmo repassá-las para seus próprios filhos.

*Determinação, eles davam sábios conselhos. Dedicados à família. A importância de correr atrás dos sonhos, de viver no presente o melhor possível. De vez em quando eu me pego falando até para os meus filhos sobre isso, [...] da questão da assistência, de tá todo mundo em família, de valorização, de cuidado, de preocupação, isso eu herdei dela. A união que meus avós maternos tinham. Cumplicidade. Eles nunca brigavam na frente de ninguém. Exemplo de amor, companheirismo. Meus avós maternos viveram juntos até o último suspiro de vida. **Lívia (40 anos)***

*Acho que uma coisa que já passou pra minha mãe e que chegou em mim e que eu também queria passar para os meus, que é essa questão do lutar mesmo, lutar na vida mesmo, batalhar, porque foi isto que eles fizeram. Isso eu quero passar para os meus filhos [...]. **Edilene (33 anos)***

Hoffman (1978), estudando netos universitários, percebeu que os vínculos com os avós maternos são mais profundos, especialmente com a avó, o que se reflete por vezes na forte influência da avó materna na vida de seus netos. Diferente do que a autora afirma, encontramos nesta pesquisa netos que vivem ou que viveram uma relação profunda de confiança e influência por parte de seus avós paternos, e que carregam consigo características de seus avós, as quais consideram relevantes e valiosas, conforme vislumbramos nos relatos das entrevistas a seguir.

*A minha avó paterna foi tudo na minha vida. Uma mulher sábia. Hoje vejo que tenho muito dela, a honestidade e a importância de valorizar o compartilhar de momentos importantes. **Núbia (27 anos)***

Eu creio que a raiz familiar, tipo a essência do meu avô paterno, tipo a raiz que ele plantou enquanto estava vivo. [...] Pra mim ele foi tudo na vida [...] tenho agora que passar pro meu filho tudo que aprendi com ele. [...]. Meu filho tem 3 anos e já me dá a benção, aí eu estava junto de uma senhora que já teve filho tarde, acho que ele tinha uns 13, 14 anos. Ela achou incrível que meu filho veio e me pediu a benção, aí ela me

perguntou: “E ele tão pequeno lhe pede a benção? Tento passar os conhecimentos e tudo o que meu avô passou pra mim. Acho que esse elo familiar, tão rico, hoje está se perdendo”. Jeremias (28 anos)

Houve netos que se referiram a lembranças, cheiros, objetos que os fazem lembrar e se conectar com os avós. Essa é a contribuição simbólica dos avós, que mesmo que não estejam presentes fisicamente, continuam influenciando na vida dos netos (Denham & Smith, 1989).

E me marcou também o carinho que ela tem com as plantas, os cuidados com as plantas, ela ama planta, então ela me pedia pra cuidar das plantas dela, [...] por ela, hoje eu tenho cinco plantas aqui na minha casa que são dela, eu digo que não são minhas, são dela. Vó, quando você vai ver suas plantas? Porque na verdade por mim eu não cultivaria planta, porque dá trabalho (risos), então a gente que passa o dia fora de casa, pra cuidar de planta é complicado, mas eu trouxe [...]. É como tivesse cuidando dela, então isso me marca pra mim, toda vez que vou botar água na planta, ah eu vou cuidar da planta de você, e isso marca muito até hoje. Cleide (27 anos)

[...] lembro-me da minha avó paterna toda vez, de um objeto lindo dela que é o cachimbo com aquele fumo, que ela fumava. Então quando eu ia pra casa dela que chegava ao terraço, sentia aquele cheiro de cachimbo, então eu dizia “Vovó já com aquele cachimbo na boca”. Então são coisas que marcaram,

*quando eu vejo o pacotinho do fumo eu lembro dela, eu vejo que aquele cheiro que incomodava, hoje dá saudades. **Heloísa (40 anos)***

*Ir pra casa da vovó era sempre uma festa, sinônimo da família reunida e muita diversão. **Núbia (27 anos)***

A fala de Núbia reflete o sentimento de aconchego e união que perpassa o ritual das visitas à casa dos avós, mantido ainda por várias famílias na atualidade. Em geral, essas falas corroboram a pesquisa de Franks, Hughes, Phelps e Williams (1993), realizada com 80 universitários, que identificaram a convivência com as pessoas idosas gerando vários benefícios. Os dados coletados formaram seis categorias de análise, entre as quais salientamos a dos “benefícios obtidos com os idosos”: a) *Comportamento*: regras como tratar os idosos, respeito aos mais velhos, orientação religiosa, generosidade; b) *Traços de personalidade*: persistência, paciência, valorizar e seguir seus sonhos; c) *Consciência psicossocial*: laços com os familiares, senso de raiz e história familiar, adaptação à família e à sociedade, bem como sentimento de autoestima.

De forma geral, os relatos coletados nesse último eixo temático evidenciam que os netos que desfrutaram de um bom relacionamento com seus avós, desde a infância ou mesmo da adolescência, e que contaram com os seus pais como facilitadores dessa relação, tendem a não só reconhecer a importância dos avós na sua vida, como também a repetir seus ensinamentos, valores, forma de pensar e ver o mundo, os quais pretendem repassar ou já o estão fazendo com seus próprios filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno da velhice estendida ou longevidade tem proporcionado o aprofundamento do relacionamento dos netos com seus avós, o que outrora não era possível por conta da baixa expectativa de vida. Apesar do avanço nas produções científicas sobre a temática do relacionamento entre as referidas gerações, ainda são escassos os trabalhos científicos que enfocam especialmente a relação entre netos adultos e seus avós, o que justificou a realização desta pesquisa. Ela procurou averiguar a percepção dos vínculos e do relacionamento, na perspectiva de netos adultos, em relação aos seus avós, tendo em vista que essas gerações nunca conviveram tanto tempo juntas como na atualidade.

Constatamos, a partir dos dados coletados, que quanto mais cedo e constante for a aproximação dos netos com seus avós, mais fortalecida e significativa será essa relação. Os netos entrevistados declararam, em unanimidade, que seus avós, independente da vinculação materna ou paterna, foram e continuam sendo pessoas especiais e de grande significado, o que corrobora a literatura quando afirma que o significado dos avós está associado ao tipo de relação estabelecida entre as gerações, bem como ao posicionamento e à mediação dos pais frente a esse relacionamento. Sabe-se que a influência dos pais na relação dos netos com seus avós é um fator determinante para um bom entrosamento ou, por outro lado, distanciamento entre eles. Identificamos que, em sua grande maioria, os pais funcionaram como facilitadores entre as citadas gerações, o que, por sua vez, permitiu que netos e avós desfrutassem de um relacionamento afetuoso, livre e espontâneo.

Evidenciamos que os avós influenciaram os netos em vários aspectos de sua vida, seja no âmbito profissional, seja no âmbito religioso, moral, emocional e psicossocial, o que atesta a literatura. Os próprios netos reconhecem que trazem muito de seus avós para sua vida adulta e que inclusive se reconhecem reproduzindo muito do comportamento de seus avós, como também tendo atitudes espelhadas nos ensinamentos apreendidos com a convivência com seus avós, ainda que estes já não estejam mais vivos.

A presente pesquisa apontou para uma frequência de contato bastante regular e intensa dos netos junto aos seus avós. Apesar dos afazeres adquiridos com a chegada da vida adulta, os netos se percebem próximos aos avós e afirmam realizar atividades como: conversar, telefonar, idas a médicos, bancos, shopping ou outros lugares, jogar, almoçar juntos, trabalhar e acessar redes sociais. Por outro lado, dificuldades foram identificadas no relacionamento com os avós, no que se diz respeito a conflitos existentes entre avós e pais, distância geográfica e desvalorização da figura e papel dos avós por parte dos pais.

Salientamos que a presente pesquisa revelou que as características mais marcantes transmitidas pelos avós se evidenciam nos traços de personalidade, na filosofia de vida, no cuidado, na forma de se relacionar e no trato com as gerações subsequentes. Os principais limites desta pesquisa dizem respeito a um tema com escassez de estudos científicos no Brasil, o que restringiu o nosso olhar às pesquisas internacionais. Vale também ressaltar, que se trata de uma parcela da população nordestina, com valores e cultura próprios, diferentes, portanto, de outras regiões do Brasil. Nesse sentido, acreditamos que investigações em contextos distintos podem trazer mais conhecimentos sobre o tema.

A partir deste estudo, outras questões se fizeram presentes, sinalizando a necessidade de novas pesquisas: Como os pais percebem a relação dos seus filhos com os avós? Como os pais se percebem mediando essas gerações? Até que ponto a relação com os avós pode proteger os netos do envolvimento com comportamentos de risco (delinquência, uso de substâncias químicas, entre outros)? A convivência com os avós favorece que os netos vivenciem melhor seu processo de envelhecimento? Quais os sentimentos e as percepções dos netos em relação aos bisavôs/bisavós?

Ao finalizarmos essas reflexões, deixamos claro que, certamente, não tivemos a pretensão de esgotar todas as possibilidades de compreensão dessa temática, mas esperamos que a pesquisa possa oferecer uma contribuição para a literatura na área, bem como possa subsidiar o trabalho de profissionais que lidam com famílias, jovens e idosos. Almejamos também que ela provoque todos que, enquanto netos, possam refletir sobre o relacionamento com seus avós e que favoreça a vivência de um relacionamento mais fortalecido, permeado de troca de afetos, experiências de vida e respeito entre netos e avós.

REFERÊNCIAS

Aratangy, L. & Posternak, L. (2005). *Livro dos avós: na casa dos avós é sempre domingo?* (4ª ed.). São Paulo: Artemeios.

Araújo, M., Silva, D. & Dias, C. M. S. B. (1998). A figura dos avós nos âmbitos psicossocial e familiar. *Mente Social*, 4(2), 23-33.

Arnett, J. (1998). Learning to stand alone: the contemporary American transition to adulthood in cultural and historical context. *Human Development*, 41, 295-315.

Arnett, J. (2000). Emerging adulthood: a theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55 (5), 469-480.

Aylmer, R. C. (1995) Lançamento do jovem adulto solteiro. In Carter, B., & McGoldrick, M (Orgs). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (p. 169-179). Porto Alegre: Artes Médicas.

Baranowski, M. (1982). Grandparent-grandchildren relations: beyond the nuclear family. *Adolescence*, 17 (67), 575-584.

Barros, M. L. (1987). *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.

Batchelor, M. (1992). *A vida aos 40*. Petrópolis: Ed. Vozes.

Borges, C. C. & Magalhães, A. S. (2009). Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família. *PSICO*, 40(1), 42-49.

Borges, C. C., & Magalhães, A. S. (2011). Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. (Tirar Rio de Janeiro) *Revista Estudos de Psicologia*, 16 (2), 171-177.

Brandão, T.; Saraiva, L. & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 30. 3), 301-313.

Brussoni, M. J., & Boon, S. D. (1998). Grandparental impact in young adults' relationships with their closest grandparents: The role of relationship strength and closeness. *International Journal of Aging and Human Development*, 46, 267-286.

Castañeda, P. J., Sánchez, D., Sánchez, A. & Blanc, S. (2004). Como perciben los nietos adultos las relaciones con sus abuelos. *Anuário de Psicologia*, 35(1), 107-123.

Coall, D. A. & Hertwig, R. (2011). Investimento nos avós: relíquia do passado ou um recurso para o futuro? *Current Directions in Psychological Science*, 20 (2), 93-98.

Connidis, I. A. (1989). Sibling ties. In I. A. Connidis (Ed.). *Family ties and aging* (p. 71-86). Toronto: Butterworths Canada.

Coutrim, R. (2006). Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. *Sociedade e Estado*, 21, 367-390.

Dellmann-Jenkins, M., Blanemeyer, M. & Olesh, M. (2002). Adults in expander grandparents roles: considerations for practice, policy, and research. *Educational Gerontology*, 28, 219-235.

Denham, T. & Smith, C. (1989). The influence of grandparents on grandchildren: a review of the literature and resources. *Family Relations*, 38, 345-350.

Dias, C. M. S. B. (1994). A importância dos avós no contexto familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10, 31-40.

Dias, C.M.S.B. (2002). A influência dos avós nas dimensões familiar e social. *Revista Symposium*, 6 (1/2), 32-38.

Dias, C. M. S. B. & Silva, D. V. (1999) Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In Féres-Carneiro, T. *Casal e Família, entre a tradição e a transformação*, (p. 118-149). Rio de Janeiro: Nau.

Dias, C. M. S. B., Dias, M. R., & Silva, D. V. (1999). Os avós na perspectiva dos adolescentes. *Mente Social*,5, 89-117.

Dias, C. M. S. B. & Silva, D. V. (2001). Os avós na perspectiva dos adolescentes: um estudo qualitativo. In Féres-Carneiro, T. (Org.). *Casamento e família: do social à clínica* (p. 53-66). Rio de Janeiro: Nau.

Dias, C. M., & Silva, M. A. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicologia em Estudo*, número especial, 8, 55-62.

Dias, C.M.S., Costa, J.M. & Rangel, V.A. (2005). Avós que criam seus netos: circunstâncias e consequências. In: Féres-Carneiro, T. (Org.). *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (p. 158-176). Rio de Janeiro: PUC-Rio.

Erikson, E. H.(1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar editores.

Falcão, D.V.S. & Bucher-Maluschke, J.S.N.F. (2009). O impacto da doença de Alzheimer nas relações intergeracionais. *Psicol Clin* 21 (1) 137-52.

Franks, L. J., Hughes, J. P., Phelps, L.H. & Williams, D.E. (1993). Intergenerational influence on midwest college students by grandparents and significant elders. *Educational Gerontology*, 19, 265-271.

Goodman, C. & Silverstein, M. (2002). Grandmothers raising grandchildren: family structure and well-being in culturally diverse families. *The Gerontologist*, 42, (5), 676-689.

Guerreiro, M. D. & Abrantes, P. (2005). Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20 (58), 158-212.

Hagestad, G. O., & Speicher, J. L. (1981). Grandparents and family influence: views of three generations. Paper presented at the meeting of the Society for Research in Child Development, Boston.

Harsthorne, T.S. & Manaster, G.J. (1982). The relationship with grandparents: contact, importance, role conceptions. *International Journal of Aging and Human Development*, 15(3), 233-245.

Henriques, C.R., Féres-Carneiro, T., & Magalhaes, A.S. (2006). Trabalho e família: o prolongamento da convivência familiar em questão. *Paidéia*, 16, 327-336.

Hoffman, E. (1978). Young adults' relations with their grandparents: an exploratory study. *International Journal of Aging and Human Development*, 10, 299-310.

Hodgson, L.G. (1992). Netos adultos e seus avós: the enduring bond. *International Journal of Aging and Human Development*, 34, 209-225.

Hogan, D. P. & Astone, N. M. (1986). The transition to adulthood. *Annual Review of Sociology*, 12, 109-130.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE. (2010). *Dados referentes à população brasileira*. Acesso em Agosto de 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/notastecnicas.pdf>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE. (2010). *Observações sobre a evolução da mortalidade no Brasil: o passado, o presente e perspectivas*. Acesso em Outubro de 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tabuadevida/2009/notastecnicas.pdf>

Jonhson, C. L. A cultural analysis of the grandmother. *Research on Aging*, 5(4), 547-567, 1983.

Kahana, B. & Kahana, E. (1970). Grandparenthood from the perspective of the developing grandchild. *Developmental Psychology*, 3, 98-105.

Kennedy, G. E. (1990). College students' expectations of grandparent and grandchild role behavior. *The Gerontologist*, 30(1), 43-48.

Kennedy, G. E. (1992a). Quality in grandparent-grandchild relationships. *International Journal of Aging and Human Development*, 34(2), 83-98.

Kennedy, G. E. (1992b). Shared activities of grandparents and grandchildren. *Psychological Reports*, 70, 211-227.

Keniston, K. (1971). *Youth and dissent: the rise of a new opposition*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.

Kivett, V.R. (1985). Consanguinity and kin level: their relative importance to the helping network of adults. *Journal of Gerontology*, 40(2), 228-34.

Kornhaber, A. (1996). *Contemporary grandparenting*. London: Sage.

Krom, M. (2000). *Família e mitos: prevenção e terapia: resgatando histórias*. São Paulo: Summus.

Langer, N. (1990). Grandparents and adult grandchildren: what do they do for one another? *International Journal of Aging and Human Development*, 31 (2), 101-110.

Lei n.º 2.848, de 7 de Dezembro de 1940. (1940). Dispõe sobre o Código Penal. *Artigo 5: A menoridade cessa aos dezoito anos completos, quando a pessoa fica habilitada à prática de todos os atos da vida civil*. Brasília, DF. Recuperado em 10 de março de 2014.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm

Lei n.º 10.741 de 1º de outubro de 2003. (2003). *Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências*. Brasília, DF. Recuperado em 04 de fevereiro de 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm

Lei nº.10.406 , de 10 de janeiro de 2002. (2002). Dispõe sobre a instituição do Código Civil Brasileiro. *Artigo 5: A menoridade cessa aos dezoito anos completos, quando a pessoa fica habilitada à prática de todos os atos da vida civil.* Brasília, DF. Recuperado em 04 de fevereiro de 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm

Lei nº.10.406 , de 10 de janeiro de 2002. (2002). *Dispõe sobre a instituição do Código Civil Brasileiro.* Brasília, DF. Recuperado em 04 de fevereiro de 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm

Lerner, R.M. (1995). *America's youth in crisis: challenges and options for programs and policies.* Thousand Oaks, CA: Sage.

Levinson, D. (1977). *The seasons of a man's life.* New York: Alfred A. Knoff.

Levinson, D. (1986). A conception of adult development. *American Psychology*, 41, 3-13.

Maldonado, T.M. & Goldin, A. (1995). *Maiores de 40: Guia de viagem para vida.* São Paulo: Saraiva.

Matthews, S. H. & Sprey, J. (1985). Adolescent's relationship with grandparents. *Journal of Gerontology*, 40(5), 621-626.

Mills, T. I., Wakeman, M. A. & Fea, C. B. (2001). Adult grandchildren's perceptions of emotional closeness and consensus with their maternal and paternal grandparents. *Journal of Family Issues*, 22(4), 427-455.

Minayo, M.C.S. (2004). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.* (8º ed). São Paulo: Hucitec.

Mota, C. P., & Rocha, M. (2012). Crescimento pessoal na adolescência e jovem adultícia: separação-indivuação e o jogo das relações. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28 (3), 357-367.

Neugarten, B., & Weinstein, K. (1964). The changing american grandparent. *Journal of Marriage and the Family*, May, 199-204.

Oliveira, A. R. V, Gomes, L., Tavares, A. B. &, Cárdenas, C. J. (2009). Relação entre avós e seus netos no período da infância. *Revista Kairós Gerontologia*, 12(2), 149-158.

Osuna, M. J. (2006). Relaciones familiares en la vejez: vínculos de los abuelos y de las abuelas com sus nietos y nietas en la infância. *Revista Multidisciplinar Gerontologia*, 16 (1), 16-25.

Papalia, D. E. & Olds, S.W. (2000). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Peixoto, C. E. (2000). Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e matérias. In Peixoto, C. E.; Singly F.; Cicchelli, V. (Orgs.) *Família e individualização*(p. 95-111). Rio de Janeiro:Editora FGV.

Rabinovich, E. P., & Moreira, L. V. C. (2008). Significados de família para crianças paulistas. *Psicologia em Estudo*, 13, 437-445.

Robertson, J. F. (1975). Interaction in three generation families, parents as mediators. *International Journal of Aging and Human Development*, 6(2), 103-111.

Robertson, J. F. (1976). Significance of grandparents: perceptions of young adults grandchildren. *The Gerontologist*, 16(2), 137-140.

Roberto, K. & Stroes, J. (1992).Grandchildren and grandparents: roles, influences and relationship. *International Journal of Aging and Human Development*, 34 (3), 227-239.

Sanders, G. & Trygstad, D. (1993). Strengths in the grandparents-grandchild relationship. *Activities, Adaptation & Aging*, 17 (4) , 43-53.

Silveira, T. M. (2002). Convívio de gerações: ampliando possibilidades. *Textos sobre Envelhecimento*, 4(8).

Sheehy, G. (2003). *New Passages. Mapping your life across time*. First Ballantine Books Editions, United States of America.

Turato, E. G. (2003). *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa*. São Paulo: Vozes.

Triadó, C., Martínez, G. & Villar, F. (2000). El rol y la importancia de los abuelos para sus nietos adolescentes. *Anuário de Psicologia*, 31(2), 107-118.

Wilcoxon, S. A. (1987). Grandparents and grandchildren: an often neglected relationship between significant others. *Journal of Counseling and Development*, 65, 289-290.

ANEXOS

ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

ANEXOS A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIDIRIGIDA

	<p>UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO PRÓ-REITORIA ACADÊMICA PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA</p>
--	---

Sexo:

Estado civil:

Filhos:

Escolaridade:

Idade:

Tempo de convivência com os avós:

Avós maternos:

Avós paternos:

Quais ainda estão vivos:

- 1) O que seus avós significam para você?
- 2) Você acha que seus avós influenciaram a sua vida? Se sim, em que aspecto?
- 3) Que lembranças ou fatos mais lhe marcaram no que se refere aos seus avós?
- 4) Como você percebe seu relacionamento com eles ao longo do tempo?
- 5) Você costuma desenvolver alguma(s) atividade(s) com eles? Se, sim qual (is)?
- 6) Existiu ou existe alguma dificuldade ao relacionamento com seus avós? Gostaria de falar sobre isso?
- 7) Que características ou lições de seus avós você gostaria de passar para seus filhos?
- 8) Gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre sua relação com os avós?

ANEXO B

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO**

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

	UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO PRÓ-REITORIA ACADÊMICA PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
--	---

PREZADO (A) PARTICIPANTE:

1. Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada Percepções dos vínculos e Relacionamento entre netos adultos e seus avós.
2. A seleção ocorreu através do método intencional e a sua participação não é obrigatória.
3. Você poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Católica de Pernambuco.
5. Os objetivos deste estudo são: Analisar: o significado dos avós para os netos, bem como sua relação com eles; os sentimentos que brotaram e brotam no seu relacionamento com seus avós; a influência exercida pelos avós na vida dos netos adultos, bem como a mediação dos pais nessa relação; a frequência de contato com os avós (caso eles estejam vivos) e as atividades desenvolvidas entre ambos; os fatores que podem ter dificultado seu relacionamento com os avós; a evolução desse relacionamento ao longo do tempo.
6. Sua participação consistirá em responder a uma entrevista sobre as referidas questões.
7. Os benefícios relacionados com a sua participação nessa pesquisa dizem respeito ao fato de que você poderá perceber de maneira mais adequada o que pensa e sente da relação com seus avós, sejam eles de vinculação materna ou paterna.
8. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
9. Salientamos ainda que não pretendemos, através de sua participação, causar nenhuma espécie de dano ou perda, seja ela pessoal ou profissional, podendo interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo de qualquer ordem.

Os dados ficarão guardados, em local seguro, com a pesquisadora, por um período de cinco anos, após o qual serão apagados. Todos os informes que possam identificá-lo serão alterados, de forma a não possibilitar sua identificação.

10. Você receberá uma cópia deste termo, no qual constam o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

11. No caso de necessitar apresentar recurso ou reclamações em relação à pesquisa, o (a) senhor (a) poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Católica de Pernambuco, que funciona na Pró-Reitoria Acadêmica da UNICAP, localizada na Rua Almeida Cunha, 245, Santo Amaro, Bloco G4, 8º andar, CEP 50050-480, Recife, Pernambuco, Brasil, ou através do telefone (81) 2119-4376, Fax (81) 21194004, endereço eletrônico: pesquisaprac@unicap.br

DADOS DA PESQUISADORA PRINCIPAL (ORIENTADORA)

Nome: CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS

Assinatura

Endereço completo: RUA ALMEIDA CUNHA, 245, SANTO AMARO,
BLOCO G4

Contato: (81) 2119.4172 (Departamento de Psicologia)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar da referida pesquisa. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, o qual funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81) 2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Recife, ____ de _____ de 2014.

Participante da pesquisa

Documento de Identidade número: _____

ANEXO C

QUADRO SOCIODEMOGRÁFICO DOS PARTICIPANTES

ANEXO C – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DOS PARTICIPANTES

Nome	Idade	Escolaridade	Estado Civil	Filhos e Quantidade	Avós Maternos Vivos	Avós Paternos Vivos
Arthur	27	Superior Incompleto	Casado	0	Avó	Avó
Beatriz	27	Superior Completo	Casada	2	Avó	Avó
Benício	40	Ensino Médio Completo	União Estável	3	----	----
Jéssica	23	Superior Incompleto	Solteira	0	----	----
Rafael	30	Superior Incompleto	Casado	2	Avô	Avó
Edileuza	33	Superior Incompleto	Casada	1	----	----
Heloísa	40	Ensino Médio Completo	Casada	1	----	Avó
Ester	38	Ensino Médio Completo	Casada	3	----	----
João	22	Superior Incompleto	Solteiro	0	----	Avó
Jeremias	26	Superior Incompleto	União Estável	1	Avó	----
Lívia	40	Superior Completo	Casada	2	----	----
Márcio	22	Superior Incompleto	Solteiro	0	Avó e Avô	Avó e Avô
Cleide	27	Superior Completo	Casada	0	----	Avó e Avô
Núbia	27	Superior Completo	Casada	0	Avó	Avó

ANEXO D

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Netos adultos: o que pensam e sentem em relação aos seus avós

Pesquisador: Cristina Maria de Souza Brito Dias

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 23559413.9.0000.5206

Instituição Proponente: Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP/PE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 537.264

Data da Relatoria: 21/02/2014

Apresentação do Projeto:

Adequado.

Objetivo da Pesquisa:

Adequado.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Adequados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequado.

Recomendações:

Não há. As recomendações foram aceitas e ajustadas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245 - BlocoG4 - 8ºAndar

Bairro: Santo Amaro

CEP: 50.050-480

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4375

Fax: (81)2119-4004

E-mail: pesquisa_prac@unicap.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO - UNICAP/PE



Continuação do Parecer: 537.264

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP acompanha o parecer do relator.

RECIFE, 21 de Fevereiro de 2014

Assinado por:

EDILENE FREIRE DE QUEIROZ
(Coordenador)

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245 - BlocoG4 - 8ºAndar

Bairro: Santo Amaro

CEP: 50.050-480

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4375

Fax: (81)2119-4004

E-mail: pesquisa_prac@unicap.br